O ENSINO E A APRENDIZAGEM DOS PRIMEIROS SOCORROS NO 4.º ANO DE ESCOLARIDADE

Catarina França

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico
e de Matemática e Ciências Naturais no 2.º Ciclo do Ensino Básico

2021-2022

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA
POLITÉCNICO DE LISBOA

O ENSINO E A APRENDIZAGEM DOS PRIMEIROS SOCORROS NO 4.º ANO DE ESCOLARIDADE

Catarina França

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico
e de Matemática e Ciências Naturais no 2.º Ciclo do Ensino Básico

Orientadora: Professora Bianor Antónia da Cruz Valente

2021-2022

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA
POLITÉCNICO DE LISBOA

AGRADECIMENTOS

À professora Bianor Valente, pela constante disponibilidade, pelo apoio e pela enorme paciência durante todo o processo. Um sincero obrigado por toda a transmissão de conhecimento e por todos os incentivos ao longo desta dura fase.

Ao meu pai e à minha mãe por todo o apoio, carinho, preocupação e compreensão ao longo destes 5 anos de altos e baixos.

Ao Ivo, por toda a paciência e amor demonstrados ao longo destes anos, mesmo quando os dias não corriam assim tão bem e por ser sempre tão compreensivo, tentando sempre retirar o melhor de mim.

Ao meu irmão e à minha cunhada pelo carinho, pela ajuda e compreensão durante todo o processo e à minha sobrinha por ser a minha luz nos dias mais escuros e por conseguir distrair-me dos problemas que estão à volta.

À minha avó por nunca ter deixado de cuidar de mim, sempre com todo o amor e preocupação, por me mostrar como é ser forte e ver sempre "a luz ao fundo do túnel".

Ao meu avô que, apesar de já não estar entre nós, sempre demonstrou muito orgulho em mim, apoiou-me e ensinou-me que por mais difícil que as coisas sejam podemos sempre ultrapassá-las.

Ao quinteto pelo apoio, pela amizade e pela alegria que tanto nos foi característica durante estes 5 anos. Um obrigado ainda mais especial à Beatriz, por ter feito este caminho ao meu lado, por todas as noites e dias de trabalho, pelos choros, pelos sorrisos, pelo apoio incondicional durante todo o processo. Obrigado por nunca me teres deixado desistir e teres feito este caminho tão bonito ao meu lado.

À Sílvia por me ter dado o prazer de trabalhar com ela durante dois anos seguidos, por toda a aprendizagem e pelo apoio incondicional em todas as ocasiões. Uma professora que eu adoro e que guardo com muito carinho para o resto da minha vida, onde aprendi e experimentei tanto que um obrigado não chega para demonstrar tudo o que eu sinto.

Ao Tiago por estar lá para mim desde sempre e para sempre.

A todos os que fizeram parte deste meu percurso e que contribuíram para o meu crescimento e fizeram de mim uma melhor pessoa do que quando iniciei, o meu obrigada.

RESUMO

O presente relatório foi desenvolvido no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada II, do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) e de Matemática e Ciências Naturais no 2.º CEB.

Os Primeiros Socorros são objeto de estudo em diversos países europeus, no entanto, em Portugal, este tema ainda não se encontra muito explorado. Em particular, investigações dedicadas ao ensino, aprendizagem e formação de crianças sobre esta temática são escassas. No entanto, a literatura existente sugere que os portugueses revelam fraco conhecimento sobre Primeiros Socorros.

O pouco conhecimento acerca de Primeiros Socorros, diagnosticado numa turma de 4.º ano, do 1.º CEB de um contexto privado, constituiu a problemática do presente estudo. Com o objetivo de proporcionar uma melhoria nos conhecimentos dos alunos sobre esta temática, recorreu-se à metodologia de investigação-ação. Foram concebidas e implementadas atividades diversas, assim como o impacto das mesmas na aprendizagem dos alunos. Ao longo deste processo foram utilizadas diferentes técnicas de recolha de dados, como a observação direta e participante, os questionários, as produções dos alunos e os áudios das sessões.

Ao longo da intervenção, os alunos evidenciaram aprendizagens diversas, nomeadamente sobre as atitudes e manobras a adotar em caso de queimaduras, feridas, hemorragias e epilepsia, bem como sobre os princípios dos Primeiros Socorros e o Kit de emergência. Os resultados apresentados demonstram que as crianças têm facilidade e demonstram muito interesse em apreender novos conteúdos, principalmente conteúdos que possam estar associados ao seu dia-a-dia.

Palavras-chave: Primeiros Socorros; Ensino-Aprendizagem; Educação para a saúde; Emergência

ABSTRACT

This report was developed within the scope of the Curricular Unit of Supervised Teaching Practice II, of the Master's Degree in Teaching in the 1st Cycle of Basic Education (CBE) and Mathematics and Natural Sciences in the 2nd CBE.

In several European countries First Aid is a subject of interest. However, in Portugal, this subject is still not very developed, particularly investigations related to teaching and also teaching and training children on this subject are scarce. The existing literature suggests that the Portuguese people reveals poor knowledge about First Aid. The lack of knowledge about First Aid, diagnosed in a 4th year class from the 1st CBE of a private school, was the key to the present study. With the aim of providing an improvement in the students' knowledge on this subject, the investigation-action methodology was used. Several activities were designed and implemented, as well as their impact on student learning. Throughout this process, different techniques were used to collect data, such as observation during class, questionnaires, activities developed by the students and classes records.

Throughout the intervention, the students learned about different subjects, namely attitudes and behaviors in case of burns, wounds, bleeding and epilepsy, as well as about the principles of First Aid and the Emergency Kit. The results presented in this study show that children find it easy and show a lot of interest in learning new contents, mainly that may be related with their day-to-day.

Keywords: First Aid; Teaching-Learning; Health education; Emergency

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO 1
1. PRÁTICA PEDAGÓGICA 3
1.1. Descrição sintética da prática pedagógica em 2.º CEB 4
1.2. Descrição sintética da prática pedagógica em 1.º CEB 10
1.3. Análise crítica da prática ocorrida no 1.º e 2.º CEB 17
2. ESTUDO EMPÍRICO 20
2.2. Revisão da Literatura 23
2.3. Metodologia 26
2.3.1. Caracterização do contexto e dos participantes 26
2.3.2. Natureza do estudo, questões de investigação e objetivos 26
2.3.3. Métodos e técnicas de recolha e tratamento de dados 27
2.3.5. Princípios éticos do processo de investigação 28
2.3.3. Atividades desenvolvidas em sala de aula 29
2.4. Resultados 32
2.4.1. O processo de ensino-aprendizagem 32
2.4.2. Avaliação global da intervenção 38
2.5. Conclusão 41
3. REFLEXÃO FINAL 43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 46
ANEXOS 50
Anexo A. Questionário inicial 51
Anexo B. Planificações das sessões 54
Anexo C. Recurso 1 – *PowerPoint* 64
Anexo D. Recurso 2 - Livro de Primeiros Socorros 77
Anexo E. Recurso 3 - Cartão de Socorrista 79

Anexo F. Recurso 4 – Mini Kit individual de Primeiros Socorros 80

Anexo G. Evidências das sessões práticas.....81

Anexo H. Questionário final 85

Anexo I. Grelhas de avaliação diagnóstica 88

Anexo J. Grelhas de avaliação formativa 92

Anexo K. Grelhas de avaliação sumativa 97

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Síntese dos dados recolhidos no 2.º Ciclo 6
Tabela 3. Objetivos e estratégias de intervenção no 1.º Ciclo 14
Tabela 4. Estratégias de intervenção do estudo dos PS 29
Tabela 5. Conhecimento teórico dos alunos pré e pós intervenção 33
Tabela 6. Como intervir perante uma queimadura 34
Tabela 7. Evolução dos conhecimentos dos alunos 38

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Dados recolhidos no questionário inicial feito aos alunos. Fontes de informação dos PS. 32
Figura 2. Conhecimento do número europeu de emergência por parte dos alunos ... 33
Figura 3. Confortabilidade dos alunos perante uma situação de socorro 39

LISTA DE ABREVIATURAS

CEB	Ciclo de Ensino Básico
DT	Diretor de Turma
IFRC	International Federation of Red Cross
INEM	Instituto Nacional de Emergência Médica
ME	Ministério da Educação
MEM	Movimento da Escola Moderna
OC	Orientadora Cooperante
PE	Projeto Educativo
PES	Prática de Ensino Supervisionada
PLS	Posição Lateral de Segurança
SBV	Suporte Básico de Vida
TEA	Tempo de Estudo Autónomo
TEIP	Territórios Educativos de Intervenção prioritária
UC	Unidade Curricular

INTRODUÇÃO

O presente relatório foi realizado no âmbito da Unidade Curricular (UC) de Prática de Ensino Supervisionada II (PESII) do 2.º ano do Mestrado em ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) e de Matemática e Ciências no 2.º CEB.

Esta UC visa o desenvolvimento de competências para o futuro desempenho profissional no 1.º e 2.º CEB e apresenta os seguintes objetivos de aprendizagem: (i) compreender o funcionamento das escolas; (ii) conceber e implementar projetos curriculares de intervenção; (iii) analisar e refletir sobre o papel do professor na sociedade atual; (iv) conceber e organizar instrumentos intelectuais e práticos de gestão curricular; (v) conceber e implementar propostas pedagógicas metodologicamente adequadas; (vi) refletir sobre a ação.

O presente relatório encontra-se estruturado em três partes fundamentais. A primeira parte contempla as práticas pedagógicas desenvolvidas e encontra-se dividida em três capítulos. Os dois primeiros capítulos apresentam uma descrição sintética dos contextos da prática pedagógica desenvolvida no 2.º e no 1.º CEB, respetivamente. O capítulo seguinte foca-se na análise crítica da prática ocorrida em ambos os ciclos.

A segunda parte do relatório engloba o estudo desenvolvido no 1.º CEB, mais precisamente numa turma de 4.º ano, no âmbito dos Primeiros Socorros, e encontra-se organizada em cinco capítulo. No primeiro capítulo, para além de ser apresentada a problemática selecionada, são referidos os objetivos e as questões de investigação que norteiam o estudo. O segundo e terceiro capítulo dedicam-se, respetivamente, à revisão de literatura e à exposição da metodologia utilizada. Já no quarto capítulo podem ser consultados os resultados obtidos ao longo da investigação. O quinto e último capítulo da segunda parte do relatório corresponde à conclusão, onde são apresentadas as considerações finais.

Por fim, a terceira parte do relatório consiste numa reflexão pessoal final relativa a todo o percurso desenvolvido no âmbito da prática pedagógica.

1. PRÁTICA PEDAGÓGICA

1.1. Descrição sintética da prática pedagógica em 2.º CEB

O primeiro estágio da PES II, nomeadamente no 2.º CEB, teve como alvo de intervenção duas turmas do 5.º ano de escolaridade de uma instituição de carácter público, situada no concelho de Amadora, com uma oferta educativa que abrange o 2.º e 3.º ciclos do ensino básico.

Para caracterizar o meio, o agrupamento, a escola, a ação pedagógica dos professores cooperantes (PC) e ambas as turmas, recorreu-se a diversas técnicas de recolha de dados, nomeadamente: a observação direta aberta, participante e não-participante, o inquérito por entrevista e a pesquisa documental (Sousa & Batista, 2014).

Esta instituição faz parte de um Agrupamento de Escolas integrado no programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP), um programa que visa a prevenção e redução do abandono escolar precoce e do absentismo, a redução da indisciplina e a promoção do sucesso educativo de todos os alunos que frequentam escolas que se localizam em territórios socialmente e economicamente desfavorecidos (Ministério da Educação, s.d.). De facto, independentemente da idade e da origem cultural, a população escolar apresenta muitas dificuldades e carências ao nível afetivo, familiar, económico e escolar. O seio familiar da maioria das crianças apresenta um baixo nível de escolaridade e, por vezes analfabetismo.

Tal como descrito no projeto educativo, esta instituição de ensino tem como missão contribuir para o desenvolvimento integral das crianças e jovens, através da criação de condições favoráveis quer ao desenvolvimento de competências para o sucesso quer à transmissão de conhecimentos e de experiências facilitadoras da sua integração adaptada e ativa na sociedade em mudança (XXXXX).

Quanto ao espaço, o meio interior é composto por uma biblioteca, uma papelaria, uma reprografia, uma enfermaria, um bar, um refeitório e por salas adaptadas às respetivas áreas curriculares. Devido à pandemia, cada turma tem uma sala de aula fixa, com alguns trabalhos dos alunos expostos nas paredes. Cada uma das salas de aula dispõe de computador, projetor, um quadro branco e um quadro de giz. A disposição dos alunos nas salas de aula é conhecida como “tradicional”, onde os alunos se sentam dispostos em colunas e linhas, direcionados para o quadro. Como recursos, na sala existe um computador com acesso à *internet*, conectado a um projetor com uma tela branca. Existem, também, placares de cortiça, onde é possível afixar informações e trabalhos dos alunos. No meio exterior temos um espaço bastante amplo, com um

campo para práticas desportivas e atividades coletivas, bem como zonas de convívio com diversos bancos espalhados pela escola.

A prática pedagógica das Orientadoras Cooperantes (OC) parece inserir-se num paradigma mais tradicional de ensino, ou seja, com práticas centradas no docente. A missão das OC é de valorizar os alunos como seres individuais e de formar um grupo unido baseado num sistema de diferenciação pedagógica. No que diz respeito ao plano curricular, as OC apoiam-se na agenda e na planificação dos conteúdos a lecionar para organizar as atividades a realizar em sala de aula. A organização das aulas, tanto na área de ciências naturais como na área da matemática, seguem a mesma estrutura de ensino: registo do sumário da(s) lição(ões) no quadro, correção do trabalho de casa (feito pela docente ou pelos alunos no quadro), introdução de um tópico, oralmente ou com recurso a uma apresentação em *powerpoint*, visionamento de vídeos que sustentam os tópicos lecionados, projetados num quadro branco e, por fim, resolução de exercícios do manual, individualmente, acerca do tópico e respetiva correção no quadro em grande grupo.

Ao longo de toda a prática pedagógica os recursos educativos utilizados foram, maioritariamente, o manual do aluno da disciplina, materiais construídos pelas próprias (como por exemplo, fichas de trabalho com exercícios relativos aos conteúdos aprendidos) e materiais disponibilizados pela plataforma *Classroom* (como por exemplo, fichas de consolidação sobre os conteúdos aprendidos nas aulas ou questionários em plataformas digitais como o *Kahoot*). Ainda relativamente aos recursos, estes foram construídos e/ou organizados autonomamente por cada OC, não havendo trabalho colaborativo entre os diferentes docentes da mesma área curricular. No entanto, existe uma partilha informal de ideias e de recursos entre os professores.

Ambas as OC manifestam preocupação em cumprir todos os conteúdos estipulados na planificação anual de atividades e a sua prática pedagógica aparenta estar orientada para os resultados académicos.

Importa referir que existe uma partilha entre as OC e o Diretor de Turma (DT). As OC transmitem todas as informações referentes à turma, desde notas, ausências, trabalhos, participação, assiduidade e até o comportamento dos alunos ao DT que, por sua vez, entra em contacto com os Encarregados de Educação. Portanto, é o DT que promove a relação escola-família.

No que diz respeito à caracterização das turmas, a turma A era inicialmente constituída por vinte e um alunos, porém quatro deles foram transferidos, ficando assim

com um total de dezassete alunos (9 do sexo feminino e 8 do sexo masculino). Os alunos tinham idades compreendidas entre os nove e os dezasseis anos. Três dos alunos da turma encontravam-se sinalizados como tendo Necessidades Educativas Especiais (NEE) (duas raparigas e um rapaz), três eram repetentes no 5.º ano e dois alunos tinham português como Língua Não Materna. Esta turma é conversadora e por vezes agitada, tendo alguns comportamentos dentro de sala de aula que interrompem as atividades em curso, no entanto respeitam por completo as OC, tanto de Matemática como de Ciências Naturais.

Relativamente à turma B, inicialmente era composta por vinte alunos, mas três foram transferidos, ficando assim com um total de dezassete alunos (9 do sexo feminino e 8 do sexo masculino). Os alunos tinham idades compreendidas entre os 11 e os 12 anos. A turma B tem apenas um aluno repetente e, tal como na turma A, tem três alunos com NEE (duas raparigas e um rapaz). Esta turma é muito conversadora e agitada, os alunos interrompem diversas vezes, tanto a OC, como os colegas, levantam-se, perturbando as atividades em curso, estando muito distraídos durante a aprendizagem de novos conteúdos.

Para complementar a avaliação diagnóstica, e em conformidade com o que foi decidido com os respetivos OC, foi concebida e implementada uma ficha para cada área curricular (Matemática e Ciências Naturais), com o objetivo de recolher informações sobre a aprendizagem dos conteúdos programáticos já abordados. A avaliação diagnóstica foi ainda complementada através de conversas informais com as OC e os respetivos DT das turmas. No final do período de observação, a análise dos dados recolhidos permitiu identificar algumas das principais potencialidades e fragilidades de cada turma. A tabela seguinte apresenta uma síntese dessa análise.

Tabela 1. Síntese dos dados recolhidos no 2.º Ciclo

Área Curricular	**Potencialidades**		**Fragilidades**	
	Turma A	**Turma B**	**Turma A**	**Turma B**
Matemática	○ Representação de frações; ○ A fluência entre as transições de números decimais com números fracionários.		○ Cálculo Mental; ○ Resolução de problemas; ○ Interpretação de enunciados.	
Ciências Naturais	○ Interesse e curiosidade pelos conteúdos.		○ Sistematização de conteúdos; ○ Dificuldade em exprimir ideias;	

			○ Uso de conceitos científicos no discurso.	
Competências Sociais	○ Interesse; ○ Curiosidade; ○ Participação.		○ Empenho; ○ Cooperação e entreajuda entre os pares de trabalho.	
	Respeito pela globalidade das regras de sala de aula			Respeito pela globalidade das regras de sala de aula

Considerando as potencialidades e fragilidades das turmas mencionadas anteriormente, foram identificadas as problemáticas de intervenção e os consecutivos objetivos gerais para cada área curricular, de forma a tentar amenizar essas mesmas fragilidades. Neste sentido, as questões formuladas, perante a diagnose, foram as seguintes:

- **Matemática:** Que estratégias podem ser implementadas para promover o cálculo mental e a resolução de problemas?
- **Ciências Naturais:** Que estratégias podem ser implementadas para promover competências de comunicação sobre conhecimentos científicos?
- **Competências Sociais:** Que estratégias podem ser implementadas para promover a cooperação e a entreajuda na turma?

Tendo em conta as questões apresentadas, identificaram-se os seguintes objetivos globais de intervenção:

- **Matemática:** Desenvolver competências de cálculo mental / Desenvolver competências de interpretação e resolução de problemas.
- **Ciências Naturais:** Desenvolver competências de comunicação sobre conhecimentos científicos / Desenvolver competências de pensamento crítico.
- **Competências Sociais:** Desenvolver trabalho colaborativo, tornando o aluno ativo no desenvolvimento da sua aprendizagem.

Durante todo o período de intervenção, face às fragilidades diagnosticadas em cada turma, foi necessário ter em atenção a implementação de atividades promotoras

de aprendizagem significativa que potencializassem o papel ativo dos discentes, motivando-os e captando a sua atenção para o seu processo de aprendizagem.

Uma vez que, em ambas as turmas, existiam alunos com NEE, as fichas de avaliação e as questões-aula foram alvo de adaptações.

Relativamente à área curricular da Matemática, foi planeado um conjunto de atividades diversificadas (de acordo com as fragilidades dos alunos no cálculo mental, na resolução de problemas e na interpretação de enunciados), nomeadamente a implementação de rotinas de cálculo mental no início de cada sessão, utilizando tecnologias em sala de aula. Neste caso, o ensino à distância acabou por contribuir, de forma positiva, na medida em que todos os alunos já estavam familiarizados com a utilização de tecnologias. De um modo geral, ambas as turmas foram capazes de perceber as ferramentas digitais e, no decorrer do período de intervenção, já sentíamos os alunos mais confiantes para a realização de atividades em suporte digital. A discussão em grande grupo e a partilha das conclusões, demonstraram-se bastante pertinentes no desenvolvimento da linguagem matemática, sendo que a apresentação das respostas matemáticas auxiliou a compreensão e aquisição dos conteúdos.

No que diz respeito à área das Ciências Naturais, tendo também por base as fragilidades apresentadas pelo grupo, foram planificadas diferentes atividades. Para o ensino dos conteúdos, fizemos uso de vídeos, atividades práticas, Quiz e de apresentações *PowerPoint.* As turmas demonstraram-se muito curiosas e com vontade de querer saber sempre mais, sempre com motivação para as atividades práticas. Foi percetível que os alunos foram desenvolvendo a sua capacidade de comunicação, alargando o seu vocabulário científico e sendo capazes de exprimir as suas ideias face a alguma questão ou problema apresentado. Não obstante, nota-se que esta diferenciação de atividades também promoveu a autonomia e entusiasmo dos discentes, pelo que, no início da aula começavam logo por questionar, euforicamente, o que iríamos fazer naquele dia.

Importa ainda referir que, para ambas as áreas curriculares, foram adotadas estratégias transversais, como a promoção de atividades que promovessem o interesse dos alunos, a articulação de conteúdos programáticos com o quotidiano e a utilização de recursos diversificados, nomeadamente, recursos digitais.

Para concluir, no que diz respeito aos modos de regulação e instrumentos de avaliação das aprendizagens dos alunos, foi privilegiada uma avaliação formativa e de caráter qualitativo, criando-se grelhas de registo de observação e de avaliação com

descritores inerentes às competências desenvolvidas. Também foi fornecido feedback aos alunos referente às produções e trabalhos realizados.

Em ambas as áreas, os produtos dos alunos, as discussões em pequeno e grande grupo e as avaliações realizadas durante a intervenção, demonstraram que os objetivos foram alcançados e que os alunos adquiriram os conceitos e conteúdos trabalhados.

Na área da matemática, em relação ao objetivo *desenvolver competências de cálculo mental*, com o incentivo à participação dos alunos no desafio diário de cálculo mental, em ambas as turmas, houve uma evolução positiva a nível da diversidade de estratégias utilizadas. Num outro objetivo, *desenvolver competências de interpretação e resolução de problemas*, mediante a leitura dos problemas em grande grupo, ambas as turmas desenvolveram a interpretação dos problemas, através da partilha de ideias. No que consta às resoluções, a evolução não foi tão notória, mas através da partilha de resoluções dos problemas, no quadro, em grande grupo, alguns alunos tiveram uma evolução bastante positiva.

Na área das ciências naturais, perante os objetivos *desenvolver competências de comunicação sobre conhecimentos científicos* e *desenvolver competências de pensamento crítico*, através da participação oral dos alunos, em ambas as turmas, foi notória o melhoramento da linguagem cientificamente correta. Para além disso, a partilha de ideias entre os alunos permitiu um desenvolvimento do pensamento crítico.

Por fim, na área de competências sociais, perante o objetivo *desenvolver trabalho colaborativo*, tornando o aluno ativo no desenvolvimento da sua aprendizagem, com a implementação de estratégias de trabalho e a valorização do trabalho do outro, as turmas apresentaram uma evolução ao nível do trabalho colaborativo, desde o período de observação até ao final da intervenção.

1.2. Descrição sintética da prática pedagógica em 1.º CEB

O segundo estágio da PES II foi realizado numa turma de 4.º ano, do 1.º CEB, de uma instituição privada localizada em Lisboa, no concelho da Amadora, freguesia de Alfragide, contemplando valências desde o Jardim de Infância (JI) até ao Ensino Secundário.

A instituição, para além de defender o princípio da inclusão de forma a promover um currículo acessível a todos, privilegia a aprendizagem ativa, construída de forma individualizada com cada aluno, encorajando e explorando a sua criatividade para que possam desenvolver diferentes formas de raciocínio, motivando-os para expressarem as suas opiniões e sentimentos.

A instituição de ensino junta o currículo de Cambridge com o currículo do Ministério da Educação Português. No 4.º ano, as áreas curriculares de Matemática e Estudo do Meio são lecionadas em regime bilíngue, enquanto a área do Português é exclusivamente lecionada em português. As outras áreas, como Inglês (English), Educação Física Motora (P.E), Artes Plásticas (Arts), Teatro (Drama), Música (Music) e Tecnologias de Informação e Comunicação (ICT) são lecionadas na sua totalidade em inglês.

Nesta escola, os princípios da ação pedagógica têm como base a metodologia de trabalho do Movimento da Escola Moderna (MEM), no qual se propõe a construir, através da ação dos professores que o integram, a formação democrática e o desenvolvimento sociomoral dos educandos com quem trabalham, assegurando a sua plena participação na gestão do currículo escolar.

A instituição procura o envolvimento dos pais e dos Encarregados de Educação (EE) na vida escolar das crianças, dando ênfase à sua responsabilidade neste processo através de estratégias e metodologias como a disponibilidade e acessibilidade de toda a equipa educativa, reuniões de início do ano letivo e no final de cada período, apoio aos alunos que necessitam, atendimento semanal com a professora titular da turma e, por vezes, a participação das famílias em diversas atividades e eventos.

Os princípios orientadores da ação da OC têm em conta a caraterização da turma, assim como, o seu contexto socioeducativo e os objetivos gerais definidos no projeto da instituição. Deste modo, a OC tem a intenção de desenvolver uma ação educativa centrada no aluno, valorizando vivências, interesses e necessidades, dando particular atenção aos fatores afetivos e relacionais inerentes ao processo de ensino-

aprendizagem. Esta propõe atividades diversificadas, com recurso a materiais e estratégias igualmente diversificadas, e que permitam diferentes formas/níveis de resolução, respeitando, assim, as individualidades, estimulando a segurança e a confiança de todos os alunos e promovendo uma prática diferenciada com vista à inclusão. Outro grande interesse da OC é privilegiar a liberdade de pensamento e de expressão através de circuitos de comunicação permanentes que valorizem socialmente os alunos, as suas aprendizagens e as suas produções, bem como, promover uma abordagem integrada de todas as áreas curriculares. Para que tal aconteça, é necessário criar propostas que incluam conexões entre os vários domínios curriculares previamente idealizadas e, principalmente, aproveitar as intervenções ou propostas dos alunos, integrando-as nas atividades em curso e/ou futuras atividades.

Nesta instituição, todos os professores titulares (PT) das turmas regem-se por uma organização conjunta e colaborativa dos materiais e dos espaços entre todos os professores do 4.º ano. Esta organização tem por base o MEM, no qual "o cenário de trabalho numa sala de aula deverá proporcionar um desenvolvimento cultural estruturado para facilitar o ambiente de aprendizagem curricular deste ciclo de educação escolar" (Niza, 1998. p.9). Assim, não há restrições em relação à distribuição do espaço nem dos materiais. As salas de aula encontram-se organizadas por áreas de trabalho (área da leitura, área da escrita, área do TEA, área da organização dos materiais) e as mesas organizadas em pares ou em pequenos grupos, de modo a promover um trabalho cooperativo entre os alunos, desenvolvendo uma maior interação e interajuda.

Como anteriormente referido, nesta instituição de ensino, as práticas educativas respeitam a individualidade, o ritmo de aprendizagem e as necessidades específicas de cada aluno. A sala de aula é o local onde a heterogeneidade dos alunos é mais evidente, tanto a nível da motivação, da aprendizagem, do comportamento, como a nível das origens sociais e da cultura. Assim, é necessário encontrar e descodificar processos pedagógicos que se adequem a toda a diversidade dos alunos, ainda que estes processos possam ser adaptados ao individual. Esta diferenciação pode ser vista como uma pedagogia que tem como objetivo dar resposta à necessidade de cada aluno, fornecendo-lhes uma educação escolar bem-sucedida que pode ser conseguida através da alternância dos momentos de trabalho, podendo eles ser: coletivos, a pares, individuais ou com o apoio do professor.

A avaliação é um processo que regula o trabalho do professor e as aprendizagens dos alunos, sendo realizada no decorrer das semanas e principalmente

no final de cada período. Quando se realiza uma avaliação, existe uma reflexão e ponderação sobre os percursos, métodos e produções realizadas de modo a poder-se prosseguir e progredir nos objetivos essenciais (Niza, 2012). O processo de avaliação das aprendizagens dos alunos é de caráter contínuo, formativo e sumativo, potencializando a função pedagógica da avaliação, de modo a valorizar o percurso individualizado de cada aluno. Inicialmente, o professor realiza uma avaliação diagnóstica na qual, numa primeira fase, permite-lhe identificar algumas fragilidades, potencialidades e interesses do grupo turma, que o permite criar uma aprendizagem significativa de acordo com os resultados (Plano Curricular da Turma, 2021).

Todo o processo de intervenção foi realizado numa turma, inicialmente composta por vinte e cinco alunos, dezasseis rapazes e nove raparigas. As idades dos alunos encontram-se compreendidas entre os nove e os onze anos e quatro dos alunos têm português como Língua Não Materna (Plano Curricular da Turma, 2021).

A turma apresenta-se com uma postura muito conversadora e agitada. Os alunos interrompem diversas vezes, tanto a OC como os colegas, levantam-se e distraem-se durante a aprendizagem de novos conteúdos. O grupo demonstra muito interesse no conhecimento de novos conteúdos e estão familiarizados com as rotinas diárias (Plano Curricular da Turma, 2021).

Note-se ainda que, no geral, são notórias as dificuldades que os alunos apresentam na atitude e postura que devem adotar na sala de aula, uma vez que no ano letivo anterior estiveram em regime de ensino à distância. Por outro lado, são crianças curiosas que expressam os seus interesses, gostos, sentimentos e emoções com facilidade (Plano Curricular da Turma, 2021).

Na interação entre os alunos, estes são capazes de se colocarem na perspetiva do amigo, mostrando compreensão e empatia com o outro, demonstrando também gosto em ajudar os colegas. Os grupos de amigos já estão bem definidos, pelo que é observável a reciprocidade de amizades, com relacionamentos mais íntimos e estáveis, conseguindo distinguir “melhores amigos que brincam comigo” de “amigos com quem não brinco”.

No que diz respeito à área de Português, no domínio da expressão e compreensão oral, os alunos revelam potencialidades em ouvir e compreender informações, no entanto, apresentam alguma dificuldade em expressarem-se, nomeadamente, em dar opiniões e partilhar ideias de forma clara.

No que se refere à área de matemática, mais especificamente no domínio de Números e Operações, é notória a apropriação de números decimais, nomeadamente, em cálculos e representações, sendo capazes de ler e escrever números até ao milhão. Ainda neste domínio, os alunos apresentam alguma dificuldade em explicar oralmente e por escrito as estratégias de cálculo, porém utilizam estratégias de cálculo mental adequadas.

No que respeita à área de Estudo do Meio, foi possível observar e acompanhar a realização de alguns projetos relacionados com os conteúdos do programa - História de Portugal - verificando que os alunos possuem conhecimentos relacionados com o seu tema de trabalho, pelo que, na maioria, demonstram ser capazes de: i) identificar as aspetos relevantes de cada reinado e o nome de cada rei, ii) relacionar os fatos históricos com os feriados nacionais, iii) localizar e reconhecer unidade de tempo em frisos cronológicos, iv) identificar e localizar países lusófonos, v) conhecer símbolos nacionais e reconhecer que Portugal se integra na UE e vi) localizar Portugal em diferentes mapas.

No que diz respeito a todas as áreas de Expressões Artísticas e Físico-Motoras, os alunos demonstram muito interesse e gosto pela sua prática, apresentando facilidade na execução das tarefas que lhes foram propostas, tais como, dramatização de guiões elaborados pelos próprios (Drama), identificação de notas e ritmo musical de uma música através de xilofones (Música), realização de jogos coletivos (Educação Física) e técnicas de moldagem de personagens (Artes Visuais). Contudo, foi possível identificar algumas fragilidades, como a perceção da melodia das músicas, a compreensão e interpretação de mapas bem como, no cumprimento de regras de sala de aula.

A nível das competências sociais, em diversos momentos da aula, os alunos participam ativamente, revelam ser cumpridores das tarefas, cuidadosos com os seus materiais e capazes de se entreajudarem. Todo o grupo é bastante curioso, autónomo, cooperativo e respeitador das opiniões dos colegas. No entanto, a turma apresenta fragilidades a nível da concentração e no respeito pelas regras da sala, refletindo-se em comportamentos desviantes em contexto de sala de aula.

Considerando as potencialidades e fragilidades da turma, foi-nos possível identificar algumas questões-problema. As questões estão relacionadas, maioritariamente, com a área das Competências Sociais, em que os alunos revelam um comportamento inquieto e desadequado ao normal funcionamento de sala de aula, bem

como com as áreas de Português e de Matemática, uma vez que têm dificuldade em argumentar e justificar as suas respostas e/ou resoluções.

Neste sentido, as problematizações dos dados do contexto permitiram identificar as seguintes questões-problema:

- Que estratégias utilizar para incrementar o cumprimento das regras de sala de aula?
- Que estratégias utilizar para promover a partilha, a capacidade de argumentação e de justificação?

Tendo em conta as questões anteriormente formuladas, foram definidos dois objetivos gerais: i) Desenvolver competências de autonomia e responsabilidade; ii) Desenvolver a capacidade de justificação e de argumentação. Na tabela seguinte, podemos observar as estratégias de intervenção planeadas para corresponder a cada objetivo geral.

Tabela 2. Objetivos e estratégias de intervenção no 1.º Ciclo

<table>
<tr><th rowspan="2">Objetivos gerais de intervenção</th><th colspan="7">Estratégias de intervenção</th></tr>
<tr><th>Português</th><th>Matemática</th><th>Estudo do meio</th><th>Teatro</th><th>Música</th><th>E.F.</th><th>Artes</th></tr>
<tr><td>Desenvolver a capacidade de justificação e de argumentação</td><td colspan="2">Realizar questões com o objetivo de obter justificação e argumentação/ promoção do raciocínio matem´tico</td><td>Realizar questões sobre os trabalhos de projeto</td><td colspan="4"></td></tr>
<tr><td rowspan="2">Desenvolver competências de autonomia e responsabilidade</td><td colspan="2"></td><td>Apresentação dos trabalhos de projeto</td><td colspan="4" rowspan="2">Partilha das regras dos jogos/ atividades.
Atribuição de um “capitão” por grupo que deverá garantir que todos os elementos cumprem as regras</td></tr>
<tr><td colspan="3">TEA
Tarefas semanais
Apresentação de produções</td></tr>
</table>

As práticas educativas aplicadas orientaram-se pela interseção de quatro princípios pedagógicos: i) os princípios da instituição, ii) da aprendizagem cooperativa, iii) da integração curricular e iv) da autonomia.

Desta forma, teve-se como objetivo a evolução das atividades alicerçadas nos domínios e nos conteúdos das diferentes áreas do saber para que os alunos realizassem aprendizagens ativas, significativas, integradoras e de socialização, de modo a que atingissem o sucesso escolar. Para assegurar esse sucesso escolar,

mantiveram-se as estratégias já implementadas pelas OC, integrantes nos princípios orientadores, dando, continuidade às suas práticas.

No que diz respeito à área da Português, deu-se continuidade às rotinas de leitura e interpretação de textos (poéticos e narrativos), escrita e ortográfica e ao nível da gramática foram mobilizadas a classificação de palavras, as frases complexas e algumas revisões de conteúdos abordados anteriormente. Foram planificadas diferentes atividades, potenciando a produção escrita e a fluência leitora, realizaram-se momentos de trabalho de texto em que os alunos elaboravam um texto narrativo, sobre uma determinada temática. Durante a elaboração, estes iam recebendo feedback imediato sobre alguns erros que cometiam e algumas sugestões de melhoria e ao nível da fluência leitora, foram proporcionados diversos momentos de leitura orientada.

Relativamente à área de Matemática, foram mobilizados os conteúdos referentes à multiplicação e divisão com números decimais e números fracionários, medidas de capacidade, massa e volume, o metro cúbico e as respetivas conversões de unidades de medida. Em relação aos métodos de intervenção, mantiveram-se as rotinas do cálculo mental, as estratégias de cálculo e a resolução de problemas com a posterior partilha de estratégias utilizadas pelos alunos. Esta demonstrou-se bastante pertinente no desenvolvimento da comunicação matemática, sendo que auxiliou a compreensão e aquisição dos conteúdos.

No que concerne à área de Estudo do Meio, foram abordados os conteúdos referentes à História de Portugal pelo que os alunos desenvolveram projetos com temas desde a quarta dinastia até à União Europeia.

Na área das Competências Sociais houve uma continuidade das estratégias já implementadas pela OC, na medida em que, o sentido de autonomia e responsabilidade fossem desenvolvidos, captando atenção e o respeito pelas regras da sala. Foi desenvolvido o projeto “Já acabei e agora?”, onde todas as semanas era partilhado com os alunos oito desafios semanais (curiosidades do mundo, desenhos, leitura, cálculos, pesquisa, entre outos) para que, quando os alunos terminassem as suas tarefas, pudessem ter atividades para realizar.

Com o objetivo de avaliar os indicadores referentes a cada um dos objetivos gerais, foram aplicadas metodologias de investigação em relação aos processos de regulação e instrumentos de avaliação das aprendizagens dos alunos.

Em relação ao objetivo *desenvolver a capacidade de justificação e de argumentação***,** de uma forma geral, a turma demonstrou uma evolução gradual na

justificação e argumentação, permitindo que os alunos fossem capazes de exprimir as suas ideias e debater com os colegas os seus pontos de vista e as suas resoluções.

O segundo objetivo, *desenvolver competências de autonomia e responsabilidade*, foi desenvolvido através da introdução de novas tarefas obrigatórias, as competências começaram a ser cumpridas na sua totalidade por todos os alunos, assim como a diversificação da escolha de recursos (na elaboração do PIT) e a entrega dos trabalhos de casa começou a ser feita sem atrasos.

1.3. Análise crítica da prática ocorrida no 1.º e 2.º CEB

Concluída a descrição das práticas desenvolvidas nos contextos de 1.º e 2.º CEB, chegou o momento de, através de uma análise crítica, ponderar sobre as experiências presenciadas, comparando os dois contextos em alguns aspetos, nomeadamente: i) desenvolvimento e respetivas competências esperadas dos alunos; ii) métodos de ensino/aprendizagem no que respeita aos processos de organização e desenvolvimento do currículo; iii) processos de regulação e avaliação das aprendizagens e iv) relação pedagógica entre professor/família.

No que consta ao desenvolvimento e respetivas competências esperadas dos alunos foram encontradas diferenças relevantes entre os dois contextos. Na prática do 2.º CEB, as aprendizagens estão centradas nos conteúdos e nos objetivos que têm que ser cumpridos pelo programa em vigor. Por outro lado, na prática do 1.º CEB é dado ênfase às competências sociais e de autonomia.

No que concerne aos métodos de ensino/aprendizagem, nomeadamente os processos de organização e desenvolvimento do currículo, com o decorrer das práticas, foi possível identificar diferenças muito significativas entre os dois contextos. A prática do 2.º CEB seguia uma metodologia tradicional, enquanto a de 1.º CEB uma metodologia socio-construtivista alicerçada no Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna (MEM). No contexto do 2.º CEB, o professor é considerado o agente central e os alunos sujeitos passivos, isto é, não apresentam um papel ativo no seu processo de aprendizagem. Por outro lado, no contexto do 1.º CEB é assegurada a plena participação do aluno na gestão curricular, sendo a formação democrática e o desenvolvimento sociomoral dos alunos prioridades visíveis nas decisões pedagógicas realizadas. Este contexto valoriza também a diferenciação pedagógica e a promoção da reflexão.

Relativamente ao plano curricular, no 1.º CEB toda a organização tem por base um trabalho colaborativo e cooperativo entre todos os elementos da equipa docente do 4.º ano e dos alunos. O plano curricular era organizado por toda a equipa educativa, podendo sofrer alguns ajustes por parte de cada professor titular da turma. A sala estava organizada por áreas de interesse dos alunos e as mesas organizadas por grupos de 3 e/ou 4 alunos. Esta organização das mesas promove o trabalho a pares ou em pequenos grupos e a partilha entre os alunos. Todos os recursos realizados pelos alunos eram construídos, em conjunto, pela equipa de docentes do 4.º ano, sendo que

a OC tinha a total liberdade de realizar os seus próprios recursos. É também importante referir que neste contexto, havia rotinas da turma como o Conselho de Cooperação (ajudando na capacidade de gerir conflitos), o TEA e a metodologia de Trabalho por Projetos (tornando o aluno ativo na sua formação e aprendizagem).

Por sua vez, no 2.º CEB, as atividades, a agenda e a planificação dos conteúdos estava definida desde o início do ano letivo, não havendo alterações no horário escolar, nem nas planificações. Foi notório que não existia um trabalho colaborativo entre os docentes da mesma área curricular e os recursos utilizados eram maioritariamente do manual escolar podendo, por vezes, haver algum construído pela OC.

Deste modo, são notórias as diferenças nos processos de aprendizagem, uma vez que, os alunos mais novos manifestavam uma maior autonomia e mais hábitos de estudo do que os mais velhos. Estas competências, segundo Guimarães (2003), devem ser desenvolvidas desde cedo nas crianças para que, gradualmente, os alunos se tornem organizados e desenvolvam a autonomia para o seu futuro.

A avaliação é um processo fundamental para o professor identificar as potencialidades das suas estratégias de ensino, podendo ou não adaptá-las consoante os resultados obtidos e as necessidades dos alunos (Marques, 2001). No caso do 2.º CEB, a avaliação centrava-se, maioritariamente, na modalidade sumativa, uma vez que a OC classificava os alunos tendo em conta as mini-fichas e os testes de avaliação. Em relação aos alunos, estes não participavam na sua avaliação ao longo do processo, apenas realizavam uma autoavaliação no final de cada semestre. Em relação ao 1.º CEB, eram utilizadas as modalidades qualitativa e formativa, onde a OC realizava feedback aos alunos, sempre que possível, e os alunos realizavam reflexões constantes durante o processo de ensino-aprendizagem.

Importa ainda analisar a relação pedagógica em cada um dos contextos, em particular a relação escola/família, uma vez que o papel do professor não se resume apenas a ensinar determinados conteúdos aos alunos, assumindo muitas outras dimensões. Tal como Oliveira (2010) refere, “a docência implica, ao mesmo tempo, um desempenho intelectual e um desempenho técnico, um desempenho relacional e um desempenho moral, que exige o empenhamento cívico dos professores e o seu compromisso com os outros” (p.47).

No 1.º CEB, o PT da turma é o elo de ligação entre a família e a escola e, apesar de transmitir a informação a toda a equipa educativa, é responsável por contactar diretamente a família, seja por via e-mail ou por via telefónica. Porém, no 2.º Ciclo, os

OC não têm este contacto direto, uma vez que existe um DT responsável por essa ligação. O DT não é a figura que dirige, mas sim o orientador da turma, sendo a ele que cabe coordenar as atividades da turma e os apoios dos alunos.

Contudo, apesar das diferenças entre os ciclos de ensino, ambas as instituições dão destaque à relação entre a escola e a família, uma vez que, não é possível haver uma educação completa sem esta relação, visto que a família "desempenha um papel decisivo na educação formal e informal" (Reis, 2008, p.61).

2. ESTUDO EMPÍRICO

2.1. Apresentação da problemática

A prestação de Primeiros Socorros corresponde à aplicação de um conjunto de conhecimentos que permitem, perante uma situação de acidente ou doença súbita, estabelecer prioridades e desenvolver ações adequadas com o fim de estabilizar ou, se possível, melhorar a situação da(s) vítima(s). No entanto, apenas cerca de um terço da população europeia tem competências essenciais para intervir numa situação de socorro (Uray et al., 2003). Desta forma, a formação em Primeiros Socorros acessível e obrigatória a todos os cidadãos é um caminho que precisa ser percorrido, o que torna os PS um tópico de investigação pertinente, atual e de interesse geral.

Importa ainda referir que, durante o período de observação realizada no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, essa relevância tornou-se ainda mais premente, uma vez que alguns alunos tinham epilepsia. Apesar de estes alunos se encontrarem estáveis, há a possibilidade de terem crises epiléticas sendo fundamental garantir que a comunidade escolar irá responder de forma adequada e que os alunos se sintam preparados para, nessas situações, pedir ajuda ou ajudar.

A escolha deste tópico de investigação teve ainda em conta três critérios referidos por Sousa e Baptista (2014), nomeadamente o critério da familiaridade do objeto de estudo, o critério da afetividade e o critério dos recursos. Relativamente ao critério de familiaridade, importa referir que, durante a frequência da Licenciatura em Educação Básica tive a oportunidade de frequentar a unidade curricular opcional de Primeiros Socorros. Naturalmente, em virtude dessa frequência, tive a oportunidade de aprofundar conteúdos e práticas no âmbito dos PS. A razão pela qual optei por esta unidade curricular eletiva denuncia que se trata de um tópico pelo qual nutro um elevado interesse e uma forte motivação pessoal. Por fim, e no que diz respeito ao critério dos recursos, é necessário antecipar eventuais facilidades na recolha dos dados necessários para a investigação. Essa antecipação foi realizada, na medida em que as aprendizagens essenciais preveem a abordagem de PS no 3.º de escolaridade o ano em que teve lugar a Prática de Ensino Supervisionada.

Em conformidade com o tema escolhido, foram criadas duas questões de investigação e, consequentemente, objetivos gerais que permitissem uma planificação ao longo de todo o percurso de investigação. Assim, o estudo visa dar resposta às seguintes questões de investigação: (i) Como desenvolver aprendizagens significativas sobre Primeiros Socorros em alunos do 4.º ano do 1º CEB?" (ii) Quais os desafios encontrados durante o ensino dos PS?

Deste modo, para dar resposta às questões de investigação, foram formulados quatro objetivos gerais, nomeadamente: (i) planificar atividades sobre os PS; (ii) caracterizar conceções sobre os PS; (iii) avaliar as competências e aprendizagens desenvolvidas pelos alunos; (iv) identificar constrangimentos no processo de ensino-aprendizagem dos PS.

2.2. Revisão da Literatura

Neste subcapítulo, é apresentada a revisão da literatura com o objetivo de "situar o estudo no contexto e, com isso, estabelecer um vínculo entre o conhecimento existente sobre o tema e o problema que se pretende investigar" (Coutinho, 2015, p.39).

Atualmente, na nossa sociedade, a exposição da população a episódios de risco é recorrente, porém, segundo a International Federationof Red Cross (IFRC, 2009), são muito poucos os países com a população apta para intervir num contexto de emergência. Os estudos realizados pela IFRC referem que o nível de conhecimento em PS varia em função dos países europeus, sendo os países situados no norte da Europa os que apresentam um nível mais elevado. Nestes países europeus, como por exemplo a Noruega, existe um conjunto de legislação que estimula o ensino-aprendizagem de PS em algumas entidades públicas, nomeadamente escolas de ensino regular, escolas de condução e empresas (IFRC, 2009). Em Portugal, pelo contrário, o nível de conhecimento é baixo, em parte devido à pouca relevância dada a esta temática nos documentos normativos escolares.

Dado não existir investimento de Portugal na formação da população em PS, torna-se um pouco contraditório quando olhamos para o código penal, em particular para o artigo 200.º - omissão de auxílio – que prevê a obrigatoriedade de prestar auxílio "em caso de grave necessidade, nomeadamente provocada por desastre, acidente, calamidade pública ou situação de perigo comum, que ponha em perigo a vida, a integridade física ou a liberdade de outra pessoa" (Diário da República, s.d.) e a punição, caso esse auxílio não seja prestado. Este auxílio pode ser prestado por qualquer pessoa, desde que tenha formação adequada.

Perante uma situação de emergência, diversos intervenientes podem e devem ser mobilizados, nomeadamente: os operadores das centrais de emergência (que atendem o telefone quando ligamos para o 112), os técnicos especializados que estão no CODU (Centro de Orientação de Doentes Urgentes), os técnicos do INEM (Instituto Nacional de Emergência Médica), os bombeiros, os médicos, os enfermeiros e os agentes de autoridade (Costa, 2017).

Segundo Bolling et al. (2009), o número de mortes que ocorrem diariamente, devido à falta de socorro, é superior ao número de casos em que foi prestado um primeiro auxílio que condicionou o estado da vítima em situação de emergência. Tal como é referido num estudo realizado por Dixe e Gomes (2015), em Portugal, a nível

nacional foi comprovado que a formação da população em PS é essencial, pois diminui o número de mortes em ambientes não hospitalares.

Deste modo, implementar um programa de PS, como parte do currículo escolar, teria um impacto bastante significativo na saúde pública (Hsiao et al., 2007). A forma mais eficaz de promover a saúde nas escolas é através do desenvolvimento de programas de educação para a saúde. Segundo Rekleiti et al. (2013), o plano de ensino devia ter o objetivo de desenvolver conhecimentos, atitudes e habilidades que possibilitassem escolhas responsáveis no que diz respeito aos PS. A aprendizagem experimental provou ser mais eficiente que a aprendizagem clássica, uma vez que a criança, através da prática e da experiência pessoal aprende melhor (Rekleiti et al., 2013).

A possibilidade de introdução dos PS no currículo escolar depende do poder de iniciativa do governo. Segundo o IFRC (2009), este pode ser introduzido de duas formas: numa disciplina durante o percurso escolar (educação para a saúde) ou durante a formação teórica para obter a carta de condução.

Perante alguns estudos realizados com crianças no contexto dos PS, é possível afirmar que as crianças estão aptas para salvar vidas (De Buck et al., 2015). O ensino básico é a altura ideal para dar início ao ensino-aprendizagem dos PS, uma vez que, nestas idades, as crianças estão num nível de desenvolvimento que permite um elevado número de aprendizagens essenciais para a sua vida futura (Connolly et al., 2007). Estas aprendizagens são plausíveis desde que sejam adotadas estratégias diversificadas, quer na componente teórica, quer na componente prática, adequando as mesmas às idades das crianças (Lockey & Georgiou, 2013).

Segundo as aprendizagens essenciais do Estudo do Meio do 1.º CEB, as noções básicas dos PS são iniciadas no 3.º ano, sendo também abordado no 2.º e 3.º CEB, de forma cada vez mais aprofundada. Em particular, no 3.º ano uma das aprendizagens essenciais refere que o aluno deve ser capaz de: “Conhecer procedimentos adequados em situação de queimaduras, hemorragias, distensões, fraturas, mordeduras de animais e hematomas. Já no 4.º ano está prevista a abordagem de diferentes sistemas, como o sistema digestivo, respiratório, circulatório, entre outros, sendo pertinente abordar cuidados a ter em caso de situações de emergência.

Além disso, o Ministério da Educação (ME) criou um programa de sensibilização na componente de Educação para a Cidadania e para o Risco onde os conteúdos relacionados com os PS são abordados (Saúde et al., 2015). Para que o programa

estipulado pelo ME se concretize é necessário haver docentes com formação na área ou com alguns conhecimentos apropriados de PS. Esta abordagem é bastante importante, uma vez que cabe ao docente adaptar os materiais e os conteúdos consoante a idade dos alunos. A metodologia utilizada para desenvolver a aprendizagem dos alunos deve ser diversificada e, simultaneamente, realista (Campbell, 2012).

O mesmo autor refere que o ensino dos PS proporciona vantagens, nomeadamente a importância de os alunos se encontrarem preparados para reagir em situações do dia-a-dia (Campbell, 2012). Por exemplo, se um amigo se sentir mal e precisar de ajuda, a criança já tem uma noção do que deve fazer, o que torna o socorro muito mais rápido e facilitado; se um familiar se sentir mal e a criança estiver sozinha, o ato de conseguir chamar uma ambulância e responder de forma acertada às perguntas que lhe são feitas pode salvar a vida a esse familiar.

Quando treinadas, as crianças a partir dos 5/6 anos, segundo Luria et al. (2000), são capazes de realizar uma chamada para o número de emergência (112) e revelar os dados essenciais para a respetiva emergência. A partir dos 8 anos as crianças têm uma noção mais sintética, sendo esta a idade recomentada para iniciar formações básicas de PS (Luria et al., 2000). A partir dos 11/12 anos, tendo em conta um estudo realizado nos Estados Unidos, já pode ser abordada a manobra do SBV (Suporte Básico de Vida) visto que as crianças possuem o peso e a força para realizarem compressões corretas num manequim. Só a partir desta idade é que as crianças são capazes de realizar manobras de reanimação sozinhos, tal como um adulto (Jones et al. 2007).

Por fim, é importante consciencializar a sociedade de que a formação em PS se traduz num direito para todos, uma vez que, com os conhecimentos básicos qualquer pessoa pode salvar a vida a alguém que esteja em perigo ou em emergência.

2.3. Metodologia

Neste capítulo está designada a metodologia utilizada no decorrer da investigação-ação, colocando em evidência a caraterização do contexto e dos participantes, a natureza do estudo, os objetivos e as questões que o nortearam, bem como os métodos e as técnicas de recolha e tratamento de dados e os princípios éticos. Por fim, são descritas as atividades desenvolvidas em sala de aula.

2.3.1. Caracterização do contexto e dos participantes

O presente estudo foi implementado numa turma de 4.º ano do 1.º CEB, constituída por 25 alunos, dos quais 9 são do sexo feminino e 15 do sexo masculino. A turma e o contexto já foram caracterizados anteriormente, nomeadamente no capítulo 1, no subcapítulo 1.2., *Descrição sintética da prática pedagógica em 1.º CEB*. Estes alunos têm idades compreendidas entre os 9 e os 11 anos. Nenhum dos alunos tem formação em Primeiros Socorros, porém existem alguns alunos que têm pais médicos. A turma tem alguns alunos com epilepsia, o que torna o tema bastante importante, uma vez que, para conseguirem ajudar os colegas em caso de crises de epilepsia, é fundamental os alunos da turma saberem como agir.

2.3.2. Natureza do estudo, questões de investigação e objetivos

A ação educativa para a elaboração deste estudo contemplou os seguintes passos: i) caracterização do contexto socioeducativo; ii) intervenção no domínio dos PS; iii) avaliação do processo de ensino-aprendizagem; iv) reflexão sobre todo o processo. Assim, foi essencial planear, realizar, rever e refletir durante todo o período de intervenção com o objetivo de desenvolver aprendizagens significativas. Assim, e segundo Sousa e Batista (2014), o presente estudo é caracterizado como um estudo misto e está inserido numa "metodologia de investigação-ação" (p.159).

Realizar uma investigação tendo em conta esta metodologia permite a recolha de informação de diversas maneiras consoante o que a própria investigação vai proporcionando (Coutinho et al. 2009). A investigação-ação foca-se na melhoria das práticas mediante as competências desenvolvidas e as aprendizagens realizadas, cabendo ao docente refletir sobre os efeitos da sua prática de forma a chegar a uma

conclusão do seu objeto de estudo (Sousa & Batista, 2014). Por outras palavras, o professor como investigador deve realizar uma análise das aprendizagens dos alunos e também recolher informação sobre a sua própria intervenção (Latorre, 2003).

Neste modelo de investigação, a realidade não é objetiva, isto significa que é necessário inferir a partir dos resultados, podendo emergir várias interpretações. Posto isto, segundo Sousa e Batista (2014), a investigação-ação é considerada como uma metodologia dinâmica.

Por conseguinte, pretende-se compreender "Como podemos desenvolver aprendizagens significativas sobre os PS em alunos do 4.º ano do 1.º CEB?". Os objetivos deste estudo estão divididos e focados em duas partes: i) os alunos, relativamente à aprendizagem dos PS; ii) o professor, relativamente à prática de ensino dos PS. De forma a dar resposta a este estudo, foram contempladas quatro abordagens de avaliação, nomeadamente: a) Avaliação diagnóstica; b) Avaliação formativa; c) Avaliação sumativa; d) Avaliação reflexiva.

2.3.3. Métodos e técnicas de recolha e tratamento de dados

Os dados foram recolhidos através de diferentes técnicas, nomeadamente: (i) questionário inicial; (ii) observação participante; (iii) gravação áudio das sessões; (iv) registo escrito das sessões realizadas e (v) um questionário final.

No que concerne ao *questionário*, este foi utilizado com os objetivos de "inquirir um conjunto de indivíduos sobre uma determinada realidade ou fenómeno social, tendo em vista a caracterização [*sic*] de traços/elementos identificadores de uma população, com o objetivo de se proceder a inferências e a generalizações" (Batista et al., 2021, p. 17) e de constatar as conceções e conhecimentos dos alunos relativamente aos PS.

Tendo em conta a *observação participante*, segundo Coutinho (2014), o observador pode interagir com o objeto de estudo e com os participantes, sem deixar de representar o seu papel primordial de observador. Apesar da investigadora ter um papel essencial na observação das sessões, também é responsável pelo ensino dos PS aos alunos.

Considerando as *gravações das sessões*, estas foram realizadas com o objetivo de melhorar as conclusões da investigação e, principalmente, de registar as intervenções dos alunos.

O *questionário final* foi aplicado no fim do período de intervenção e teve como finalidade avaliar os conhecimentos adquiridos pelos alunos ao longo das sessões.

2.3.5. Princípios éticos do processo de investigação

Nos últimos anos, segundo Tomás e Fernandes (2011), as discussões sobre os princípios éticos no processo de investigação com crianças, no que consta aos cuidados a ter com a informação que é recolhida e com a participação das crianças neste processo, têm sofrido uma grande evolução.

Existem alguns princípios base que contribuem para a formação da identidade profissional e para um processo de investigação de maior qualidade, independentemente da área onde se aplica, nomeadamente: (i) informar os participantes sobre a informação que se vai desenvolver; (ii) respeitar e garantir os direitos daqueles que participam no processo de investigação; (iii) proteger os participantes da investigação; (iv) pedir autorização para divulgar os dados que são recolhidos; (v) informar os participantes dos resultados finais da investigação; (vi) garantir a confidencialidade da informação obtida; (vii) solicitar autorização da instituição a que pertencem os participantes para que estes possam colaborar no estudo (Sousa & Baptista, 2014).

O código de Conduta Ética na Investigação menciona, igualmente, um conjunto de princípios éticos no que diz respeito às normas de conduta na relação para com os participantes envolvidos no estudo, nomeadamente: i) consentimento informado; ii) confidencialidade; iii) divulgação da informação; iv) desistência de participação.

Quando realizamos investigações com crianças, os princípios descritos anteriormente devem ser respeitados para que os participantes não sejam “expostos a riscos superiores aos ganhos que possam advir” (Bogdan & Biklen, 1994, p.75).

Assim, com o propósito de salvaguardar a imagem e a integridade de todos os participantes o presente estudo teve em consideração todos os princípios éticos anteriormente mencionados.

No primeiro contato com os alunos, nomeadamente na avaliação diagnóstica, foi solicitado à turma o consentimento da mesma para o registo dos comportamentos, das produções, de fotografias e para a participação em atividades e questionários. Em relação à autorização da utilização de imagens ou gravações como recolha de dados, segundo a OC, quando os Encarregados de Educação (EE) fazem a matrícula dos seus educandos, assinam um documento que autoriza o registo dos alunos para fins educativos. Além disso, e com o objetivo de garantir a confidencialidade dos

participantes, durante toda a investigação, não serão revelados os nomes verdadeiros das crianças.

O presente estudo visa o ensino e a aprendizagem dos PS no 1.º CEB. Uma vez que todos os dados foram recolhidos no contexto onde decorria o estágio, não sofreram qualquer manipulação intencional por parte da investigadora. Durante todo o processo, os alunos foram convidados a refletir sobre as aprendizagens realizadas e tinham conhecimento do estudo e do que era esperado dele.

2.3.3. Atividades desenvolvidas em sala de aula

De modo a dar resposta às questões de investigação, bem como ir ao encontro dos objetivos formulados, foi traçado um plano de tarefas a implementar com o grupo e organizadas em três fases: 1.ª pré-intervenção; 2.ª durante a intervenção; 3.ª pós-intervenção.

No período de *pré-intervenção* foi realizado um inquérito por questionário, com o objetivo de perceber o que os alunos já sabiam, o que ainda não sabiam e quais as conceções existentes sobre os PS.

Ainda no período pré-intervenção, foi importante ponderar quais os temas a abordar com os alunos dado, por um lado, o pouco tempo disponível para a abordagem aos PS e, por outro lado, a faixa etária e as conceções que os participantes revelaram no questionário. Assim, os temas escolhidos foram: os princípios dos PS, queimaduras, feridas e hemorragias. A estes conteúdos decidi juntar alguns temas que considerei importantes para a turma, visto que há alunos com alguns problemas médicos e necessitam de aprender estratégias para as eventuais situações que possam acontecer no quotidiano, nomeadamente: epilepsia, Posição Lateral de Segurança (PLS) e Kit de Primeiros Socorros.

Na tabela seguinte está representado o plano de ação que contem os conteúdos abordados, as estratégias desenvolvidas em cada sessão e o tempo despendido nas mesmas. As respetivas planificações, recursos e registos fotográficos podem ser consultados nos Anexos B, C, D, E, F e G.

Tabela 3. Estratégias de intervenção do estudo dos PS

Conteúdos	Estratégias e subtemas	Tempo

Avaliação diagnóstica	Realização de um questionário inicial através do *GoogleForms*.	30m
Princípios dos PS	Exposição de um *PowerPoint* com discussão coletiva e partilha de ideias. Realização de atividades durante a apresentação através da aplicação *NearPod*. **Subtemas: número de emergência, 4 passos essenciais dos PS**	1h30m
Queimaduras, Feridas e Hemorragias	Exposição de um *PowerPoint* com discussão coletiva e partilha de ideias. Simulação entre pares. **Subtemas: três graus das queimaduras, dois tipos de feridas, tipos de hemorragia (pouco profundas e epistaxis)**	2h00m
Epilepsia	Exposição de um *PowerPoint* com discussão coletiva e partilha de ideias. Simulação entre pares (posição lateral de segurança – PLS). **Subtemas: tipos de epilepsia, PLS**	1h30m
Kit de PS	Exposição de um *PowerPoint* com discussão coletiva e partilha de ideias. Observação de 2 Kit's diferentes de PS. Criação de um Kit individual de PS. **Subtemas: materiais de um Kit, importância da validade dos materiais**	1h30m
Avaliação teórica final	Realização de um questionário final de avaliação através do *GoogleForms*.	30m

Os princípios dos PS constituíram o primeiro conteúdo abordado. Trata-se de um tópico bastante importante de ser desenvolvido com as crianças antes de realizar qualquer abordagem sobre as situações de emergência (Maria et al., 2005). A abordagem deste tópico foi realizada através da apresentação de um *PowerPoint*, com discussão coletiva e partilha de ideias. Esta apresentação foi interpelada com algumas atividades através da aplicação *NearPod*, nomeadamente um quadro branco e jogos diversos (jogo da memória, palavras cruzadas, entre outros).

O desenvolvimento do segundo conteúdo, queimaduras, feridas e hemorragias, foi elaborado numa sessão mais extensa devido à sua importância, complexidade e relevância, uma vez que estes são os riscos mais comuns no dia-a-dia. Nesta sessão optou-se, tal como sugerido por De Buck et al. (2015), por demonstrar às crianças as diferenças entre as feridas e as hemorragias e os tipos de feridas e hemorragias existentes.

No que diz respeito às queimaduras, os alunos foram, em primeiro lugar, questionados sobre o que seriam e como é que poderiam acontecer. Seguidamente, foi abordada a definição e a classificação das mesmas quanto à sua intensidade, através da exposição de um *PowerPoint* com a respetiva discussão coletiva e partilha de ideias. Por fim, foi realizada uma troca de ideias sobre os agentes de calor que provocam estas queimaduras. Relativamente às feridas e hemorragias, os alunos foram questionados sobre o que seriam e foi fundamental perceber a diferença entre ambas, foi abordada a definição de cada uma e, seguidamente foi especificado o tipo de feridas (profundas ou superficiais) e hemorragias (venosas, capilares, arteriais) e foram referidos alguns episódios propícios a estes tipos de acidentes. Posteriormente, dentro do conteúdo das hemorragias também foram abordadas as hemorragias nasais ou epistaxis, uma vez que é uma situação recorrente em alguns alunos. Por fim, os alunos realizaram simulações a pares, onde manipularam materiais e experienciaram o socorro.

Na sessão seguinte foi abordado outro conteúdo, a epilepsia. Nesta turma, a abordagem deste conteúdo foi essencial porque existem três alunos com epilepsia. Tal como nos outros conteúdos, este seguiu a mesma sequência: definição de epilepsia, compreensão da doença, procedimentos a realizar perante uma situação de emergência. Este conteúdo permitiu que fosse possível introduzir a PLS aos alunos. No final da sessão, a pares, os alunos experienciaram e treinaram a PLS.

No que diz respeito à quarta sessão, o processo de aprendizagem foi desenvolvido por descoberta, nomeadamente, pelo kit de primeiros socorros da sala de auxiliares de ação educativa e pelo kit levado por mim para a sala de aula. Os alunos analisaram os produtos que faziam parte de ambos os kits, identificaram as diferenças entre eles e observaram as validades dos produtos existentes nos kits. Através desta metodologia, os alunos conseguiram realizar uma lista dos produtos mais indicados para estarem num kit de primeiros socorros e, assim, construíram o próprio kit, com soro, betadine, ligaduras, compressas e pensos rápidos (cf. Anexo G). Nesta sessão houve ainda tempo para os alunos construírem um livro de PS (cf. Anexo D) onde cada página continha um pequeno resumo de cada conteúdo abordado nas sessões.

Na última sessão foi realizado um questionário final com o objetivo de avaliar os conhecimentos adquiridos pelos alunos durante as sessões e de os alunos realizarem uma autoavaliação de todo o trabalho realizado. Nesta sessão foi entregue aos alunos um cartão individual de socorrista, de modo a parabenizar o desempenho durante as sessões (cf. Anexo E).

2.4. Resultados

Neste capítulo são apresentados e interpretados os resultados do estudo desenvolvido. Para cada conteúdo são descritas as conceções prévias, os processos de ensino e de aprendizagem e as respetivas aprendizagens dos alunos. No segundo subcapítulo, é realizada uma análise comparativa com o objetivo de obter uma avaliação global da intervenção.

2.4.1. O processo de ensino-aprendizagem

- **Princípios dos PS**

No questionário inicial, a maioria dos alunos (92%) afirmou já ter ouvido falar em PS, sendo a família a fonte de informação mais invocada, seguida do professor e dos meios de comunicação, nomeadamente, televisão e internet (cf. Figura 1). Além disso, 88% dos alunos indicou como importante a abordagem do tópico de PS na escola.

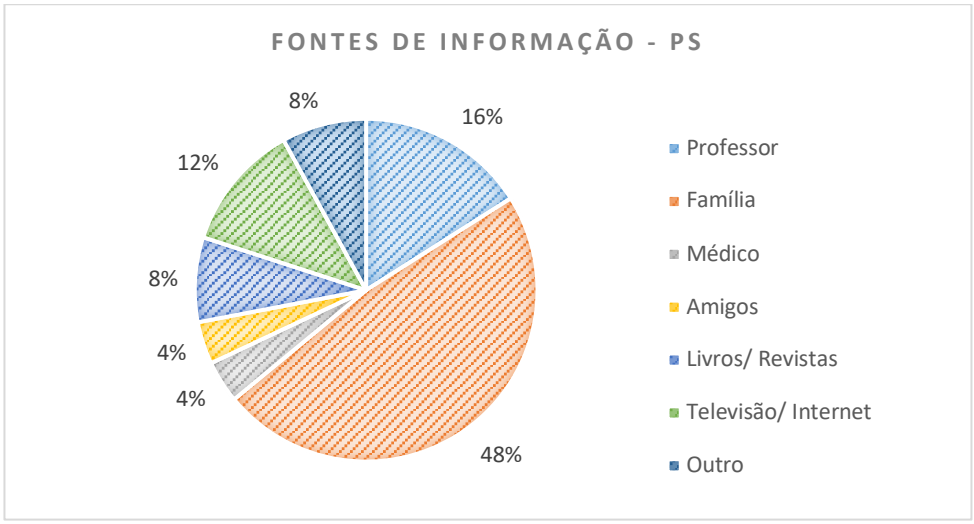


Figura 1. Dados recolhidos no questionário inicial feito aos alunos. Fontes de informação dos PS.

Relativamente à definição dos PS, inicialmente, 32% dos alunos associou este conceito a uma mala com remédios, 24% indicou não saber definir o conceito e 28% afirmou que se tratava do momento em que alguém necessita de socorro (cf. Tabela 5).

Tabela 4. Conhecimento teórico dos alunos pré intervenção

"O que entendes por primeiros socorros?"		
	% de respostas	Total de respostas
Conjunto de formas de socorrer uma pessoa em diferentes casos de emergência	12%	25
Uma mala com remédios	32%	
Quando alguém precisa de socorro	28%	
É o 112	4%	
Não sei	24%	

O número telefónico de emergência demonstrou ser um assunto de elevado conhecimento por parte dos alunos, uma vez que, na avaliação inicial, 84% dos alunos identificaram o 112 como um contacto de emergência, o que demonstra que, apesar de não haver uma educação formal sobre este tema, esta informação é transmitida por diversas fontes de informação (cf. Figura 2).

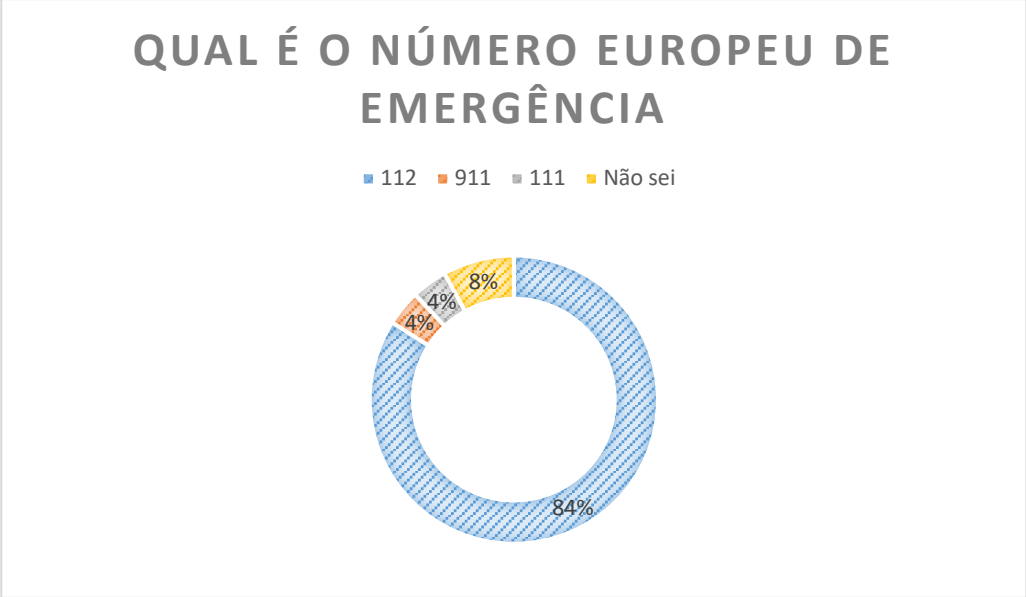


Figura 2. *Conhecimento do número europeu de emergência por parte dos alunos*

No âmbito dos princípios dos PS, a intervenção consistiu na abordagem de três aspetos, nomeadamente, a definição de PS, os quatro passos essenciais dos PS e o contacto telefónico europeu de emergência (112).

Inicialmente foi abordada e desmistificada a definição de PS com os alunos. Quando foram questionados sobre quem poderia prestar o primeiro auxílio de socorro, houve várias respostas, nomeadamente, “os pais podem ajudar”, “eu acho que todos os adultos podem ajudar”, “os médicos também nos podem ajudar”. Com o decorrer da conversa, os alunos mostraram-se admirados e o aluno Lu colocou a seguinte questão “nós somos crianças, também podemos ajudar?”, ao qual todos os alunos ficaram confusos e com dúvidas se poderiam ou não agir em situação de socorro. Após uma breve explicação, todos os alunos ficaram esclarecidos e perceberam que podem ajudar em caso de emergência. Posto isto, 16 alunos afirmam já ter presenciado uma situação de emergência, no entanto, não sabem se agiram corretamente perante a situação. Seguidamente, aquando da explicação dos 4 passos essenciais dos primeiros socorros surgiram diversos comentários. Por exemplo, o aluno Val referiu que “é curioso como é que os 4 passos essenciais formam a cruz branca que existe nas ambulâncias”.

No final da intervenção, 96% dos alunos definiu os PS como a primeira ajuda dada a uma pessoa que está a precisar de socorro, contudo, ainda existem dois alunos na turma que definem os PS como um Kit de emergência médica.

- **Queimaduras**

No que diz respeito às queimaduras, podemos verificar que, no questionário inicial, apenas 20% dos alunos soube indicar como devemos intervir corretamente quando sofremos uma queimadura (cf. Tabela 7). Já a maioria dos alunos da turma considerava que após uma queimadura se deveria “rebentar as bolhas e aplicar gelo”.

Tabela 5. Como intervir perante uma queimadura

O que se deve fazer quando alguém sofre uma queimadura?	
	Questionário inicial
Arrefecer a zona queimada com água fria	20%
Rebentar as bolhas e aplicar gelo	60%
Massajar a queimadura	12%
Não sei	8%

As crianças apresentavam, portanto, conceções alternativas relativamente às estratégias para tratar uma queimadura. Estas conceções alternativas podem resultar

dos antigos métodos utilizados pela sociedade e da pouca formação nesta área (Hsiao et al., 2007).

Na sessão dedicada a esta temática, houve vários alunos que partilharam alguns acidentes que deram origem a queimaduras, nomeadamente o aluno Alek que afirmou "houve um dia que fui acampar com a minha família e o meu pai queimou-se a fazer o jantar e como não tínhamos água por perto a minha mãe colocou clara de ovo", por outro lado a Cl partilhou com a turma que "a minha irmã no verão passado apanhou um escaldão na piscina e quando chegou a casa a minha mãe colocou-a debaixo de água na banheira".

Durante a intervenção, a maior parte dos alunos conseguiu identificar os principais agentes que provocam estes acidentes, distinguir o tipo de queimaduras através de imagens e associar a sua classificação em graus (1.º, 2.º e 3.º).

Assim, apenas 8% dos alunos revelou não saber o que fazer perante uma queimadura (cf. tabela 5).

- **Feridas e Hemorragias**

Inicialmente, as crianças evidenciavam conhecimentos mais adequados sobre como proceder em caso de feridas, do que em caso de hemorragias. Ainda assim, 16% dos alunos referiram que perante uma ferida, o comportamento adequado seria "soprar". No que diz respeito às hemorragias, a maioria dos alunos considerava, erradamente que "deve-se colocar a cabeça para trás e esperar".

Tabela 6. Conhecimentos prévios de como proceder em caso de ferida ou hemorragia

	Questionário inicial
O que se deve fazer quando alguém tem uma ferida pouco profunda?	
Lavar a ferida	80%
Soprar para a ferida	16%
Massajar para aliviar a dor	0%
Não sei	4%
O que se deve fazer quando alguém sangra do nariz?	
Colocar a cabeça para trás	52%
Assoar até ficar tudo limpo	12%

Manter a cabeça direita, alinhada com o corpo, apertando as narinas e aplicar frio no local	32%
Não sei	4%

Durante a intervenção, os alunos tiveram que distinguir uma ferida de uma hemorragia, o que se tornou um pouco confuso, por haver diversas opiniões sobre estas diferenças.

O tema das feridas não suscitou muitas dúvidas por parte dos alunos, uma vez que é uma situação mais frequente, pelo que já estão habituados a verem as auxiliares de ação educativa ou os pais a realizarem um curativo para uma ferida.

Em relação às hemorragias, a maioria dos alunos não sabia como agir perante uma epistaxis (hemorragia nasal). Habitualmente, como foi referido por alguns alunos, quando estão a ter uma hemorragia nasal, optam por inclinar a cabeça para trás para evitar sujarem-se de sangue. Com a sessão destinada a este tema, os alunos conseguiram perceber o que se deve fazer nesta situação de emergência.

Posto isto, durante as sessões práticas os alunos treinaram, a pares, as manobras de socorro perante uma hemorragia e perante uma ferida utilizando os materiais necessários, como por exemplo: soro, compressas e ligaduras.

Através das atividades práticas, os alunos conseguiram compreender melhor quais as manobras corretas a realizar. Perante uma ferida pouco profunda, 79% dos alunos indicou, corretamente, que se deve lavar a ferida. Na hemorragia nasal, 75% dos alunos responderam, corretamente, que devemos manter a cabeça direita, alinhada com o corpo, apertar as narinas e, posteriormente, aplicar frio no local (cf. tabela 7).

Tabela 7.Conhecimentos posteriores sobre como proceder em caso de ferida ou hemorragia

	Questionário inicial
O que se deve fazer quando alguém tem uma ferida pouco profunda?	
Lavar a ferida	79%
Soprar para a ferida	0%
Desinfetar a ferida com água oxigenada	21%
Não sei	0%
O que se deve fazer quando alguém sangra do nariz?	
Colocar a cabeça para trás	4%

Assoar até ficar tudo limpo	4%
Manter a cabeça direita, alinhada com o corpo, apertando as narinas e aplicar frio no local	75%
Não sei	17%

- **Epilepsia**

No questionário inicial, 44% dos alunos selecionaram o procedimento correto a realizar perante uma crise epilética. No entanto, 20% dos alunos selecionou uma opção errada (segurar a língua para a pessoa não a morder) e 28% desconhecia o que era a epilepsia. Visto que existem alunos na turma com epilepsia estes dados indicam que, perante uma eventual crise, nem todos os alunos teriam conhecimentos suficientes para ajudarem os colegas.

Durante a intervenção os alunos demonstraram um bom desempenho, identificando o principal órgão que ativa as crises, os tipos de crises e as medidas corretas de segurança a adotar. Os alunos também perceberam como se deve intervir perante uma crise e, a grande maioria, executou a PLS de forma correta.

- **Kit de Primeiros Socorros**

Já no final da intervenção, foi abordado o tema do Kit de PS. A maior parte dos alunos (96%) referiu saber o que é um Kit de PS e, a maioria, afirmou ter um kit de PS em casa. No entanto, 36% dos alunos afirmam não saberem da existência de um Kit de PS na escola. Em relação ao conteúdo de um kit de PS, 80% dos alunos refere que um kit deve conter alguns medicamentos, ligaduras, pomadas, uma caneta de alergias, álcool etílico, soro e pensos.

A estratégia utilizada para abordar este tema consistiu em analisar dois Kits de PS diferentes, um da escola e outro portátil, tentando perceber o que contem realmente um kit de PS. Através desta estratégia, os alunos perceberam quais os produtos que devem fazer parte do kit, bem como a importância das validades e a importância de ter este recurso sempre à mão.

Segundo a informação do questionário final, este subtema foi o que os alunos gostaram mais de trabalhar.

2.4.2. Avaliação global da intervenção

- **Conhecimentos teóricos**

Através da avaliação diagnóstica, é possível verificar que menos de 50% dos alunos apresentava conhecimentos corretos em cada um dos conteúdos abordados. Como é possível observar na *Tabela 8*, o kit de PS era o conteúdo em que um maior número de alunos revelou um conhecimento adequado, enquanto, pelo contrário, os princípios dos PS era o tópico em que um maior número de alunos revelava desconhecimento.

Tabela 8. Evolução dos conhecimentos dos alunos

Conteúdos	Avaliação diagnóstica dos conhecimentos	Avaliação final dos conhecimentos
Princípios dos PS	28%	87%
Queimaduras, feridas e hemorragias	30%	85%
Epilepsia	42%	89%
Kit de PS	47%	90%

No questionário final, a maior parte dos alunos evidenciou conhecimentos muito satisfatórios em todos os conteúdos, sendo os princípios dos PS o conteúdo com uma maior evolução. Contudo, todos os conteúdos apresentam uma evolução positiva.

- **Conhecimentos práticos**

Ao longo do período de intervenção e de modo a desenvolver na criança a capacidade de intervir corretamente em situações de emergência, foram realizadas sessões práticas relativamente a alguns conteúdos abordados, nomeadamente: queimaduras, feridas, hemorragias e epilepsia. Assim, durante as sessões, os alunos aprenderam a parte teórica e, posteriormente, a parte prática dos diferentes conteúdos realizando manobras adequadas a cada situação (cf. Anexo G).

Ao longo da avaliação formativa realizada, durante e após o ensino formal das respetivas técnicas de socorro, os alunos evidenciaram práticas bastante adequadas. Portanto, e tal como Connolly et al. (2007) refere, as crianças facilmente assimilam a técnica, ficando logo aptas para intervir. No entanto, por falta de tempo, não foi possível realizar uma avaliação final individual dos alunos relativamente às atividades práticas.

- **Atitudes**

A formação de PS foca-se, principalmente, no conhecimento teórico e prático dos conteúdos, porém, o desenvolvimento de atitudes por parte dos alunos também é bastante importante.

Para avaliar o efeito da intervenção ao nível das atitudes, em ambos os questionários foram incluídas perguntas para avaliar o nível de conforto perspetivado pelos alunos face à necessidade de prestar PS ("Classifica de 1 a 5 o quanto te sentes confortável por ajudar alguém que precisasse ser socorrido"), assim como o grau de importância atribuída a este tópico ("Achas que é importante falar sobre Primeiros Socorros na escola?"),

No questionário inicial, 14 alunos referiram sentir-se confortável ou muito confortável em intervir numa situação onde alguém necessite de socorro; 4 nada ou pouco confortável; e 7 manifestaram um posicionamento neutro. Contudo, no questionário final, 17 alunos passaram a reportar conforto ou muito conforto; 4 um posicionamento neutro; e apenas 3 indicaram sentir-se pouco confortáveis. Estes dados indicam uma evolução positiva, ou seja, que os alunos passaram a reportar maior nível de conforto perante a necessidade de prestar PS (cf. figura 3).

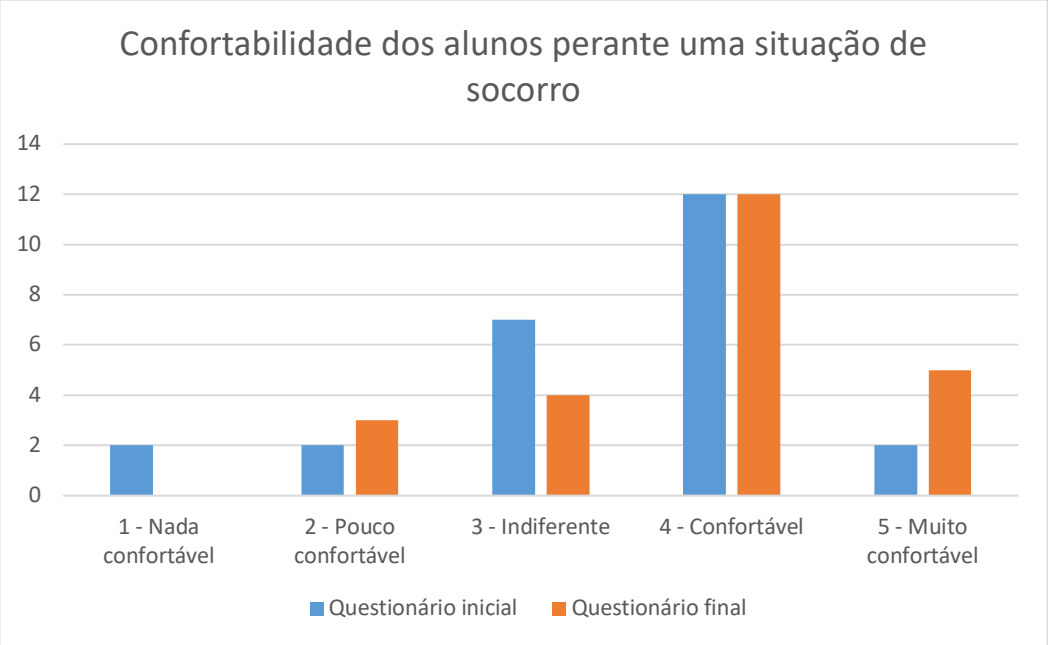


Figura 3. Confortabilidade dos alunos perante uma situação de socorro

Quanto à segunda questão, 88% dos alunos, inicialmente começou por referir que considera importante esta aprendizagem no currículo escolar, enquanto no questionário final, a totalidade dos alunos considerou importante trabalhar os PS na escola, uma vez que podem aprender a ajudar os amigos quando estes precisam de socorro.

- **Avaliação da satisfação**

A avaliação, por parte dos alunos, foi um aspeto muito valorizado ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, no questionário final, foi ainda questionado "Qual o tema em que sentiste mais dificuldades?". A figura 4 demonstra a avaliação dos alunos relativamente aos conteúdos abordados.

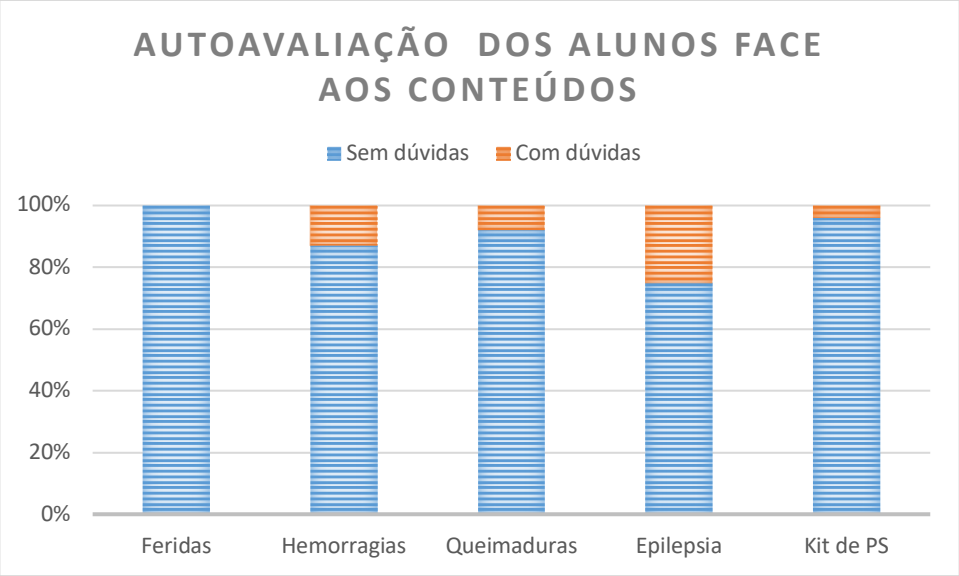


Figura 4. Autoavaliação dos alunos face aos conteúdos lecionados

Neste sentido, as feridas foi o conteúdo em que todos os alunos mencionaram não ter qualquer dúvida, seguido do Kit de PS. Estes resultados podem transparecer a facilidade que os alunos tiveram em compreender a informação sobre estes conteúdos. Para além da componente teórica ser bastante clara e sintética, no caso das feridas os procedimentos de socorro são bastante simples e, no caso do Kit, os materiais que este contém são familiares aos alunos.

O conteúdo da epilepsia foi o que obteve uma percentagem de dúvidas mais alta. Esta avaliação pode estar relacionada com o grau de complexidade das informações teóricas, assim como do grau de exigência das manobras da PLS.

Por fim, no questionário final, foram apuradas as apreciações dos alunos em relação à aprendizagem dos PS. A figura seguinte traduz as opiniões e interesses dos alunos em relação aos conteúdos abordados.

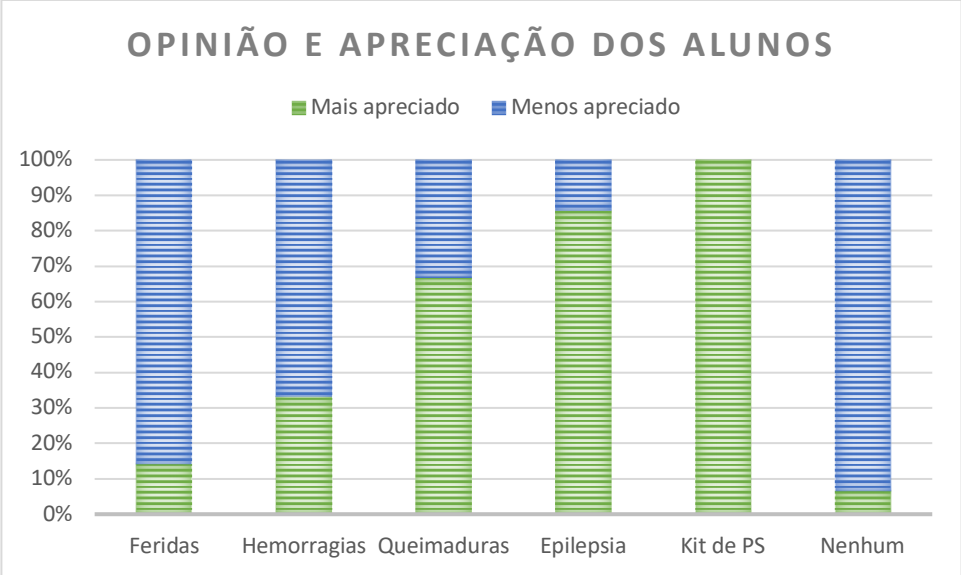


Figura 5. Avaliação e apreciação dos alunos quanto aos seus interesses

A análise da apreciação dos alunos é bastante interessante, pois o conteúdo que referem como o menos apreciado (feridas) é, igualmente, o que consideram não terem dúvidas nenhumas. Por outro lado, a epilepsia constitui um dos conteúdos mais apreciado, apesar de corresponder à temática onde mais alunos reportaram terem dúvidas (*Figura 4 e 5*).

2.5. Conclusão

Neste subcapítulo são apresentadas as principais conclusões do estudo empírico, tendo como orientação as questões de investigação já mencionadas anteriormente: (i) Como desenvolver aprendizagens significativas sobre Primeiros Socorros em alunos do 4.º ano do 1º CEB?" (ii) Quais os desafios encontrados durante o ensino dos PS?

Tal como noutras investigações (Rosário & Linhares, 2015; Costa, 2017), os participantes deste estudo evidenciaram, inicialmente, poucos conhecimentos sobre os

PS. Apresentavam conceções bastante vagas, na medida em que associavam os PS a uma mala de remédios, bem como ao pedido de socorro de uma pessoa. Muitos alunos também não sabiam como atuar perante uma ferida, uma queimadura ou uma hemorragia. Além disso, mais de metade dos alunos não sabia como atuar perante crises tónico-clónicas, apesar da existência de alunos epiléticos na turma.

Recorrendo a um processo de ensino e aprendizagem pautado pela exposição, partilha de vivências, debates, bem como por momentos de simulação, os alunos conseguiram construir conhecimentos teóricos e conhecimentos práticos sobre os PS. Comparando os resultados do questionário inicial (avaliação diagnóstica) e do questionário final (avaliação sumativa) a evolução positiva foi visível em todos os tópicos abordados. Além disso, as estratégias implementadas permitiram ainda aumentar o grau de conforto auto-reportado pelos alunos relativamente à necessidade de executar manobras de PS, assim como o grau de importância conferida à própria temática.

No entanto, ao longo do processo de ensino e aprendizagem, foram sendo detetados diferentes desafios. O tempo constituiu o fator mais desafiante para a concretização deste estudo. Este fator fez com que fosse necessário tomar decisões e escolher apenas alguns temas dos PS para serem trabalhados, uma vez que era impossível trabalhar todos com o tempo disponibilizado. Por serem crianças de 4.º ano, houve uma breve adaptação e simplificação dos conteúdos, facilitando a linguagem e alguns dos processos envolvidos no socorro à vítima.

O escasso número de investigação realizadas com crianças sobre os PS em Portugal traduziu-se num constrangimento. Da pesquisa realizada apenas foi possível identificar dois estudos que desenvolveram estes conteúdos com crianças do 1.º CEB, nomeadamente, Rosário e Linhares (2015) e Costa (2017).

Concluo este estudo com a certeza de que o país e, consequentemente, a sociedade deveria apostar na formação em PS, tanto em crianças como em adultos. A introdução deveria ser feita em ambiente escolar, criando programas para a aprendizagem dos mesmos.

3. REFLEXÃO FINAL

|ˈ ˈˈ ˈ | ˈ ˈˈ

Por fim, neste último capítulo do relatório, o objetivo é refletir sobre: (i) o contributo da experiência desenvolvida na PES II em ambos os ciclos de ensino, (ii) o contributo da experiência no processo de investigação para o desenvolvimento de competências profissionais e (iii) identificar aspetos significativos para o desenvolvimento pessoal e profissional do estudante e das dimensões a melhorar no exercício da profissão docente.

Refletindo sobre as experiências na PES I e PES II é importante referir que sinto que existiu uma enorme evolução, não só em relação à postura em sala de aula, como também ao nível de confiança e de exposição dos conteúdos. Provavelmente esta notória evolução está associada ao facto de a PES I ter sido realizada em regime *online* e a PES II em regime presencial. Durante a PES II foram realizadas duas intervenções distintas, a primeira em contexto de 2.º CEB, que gerou alguma dificuldade e apreensão por estar sozinha a lecionar sessões de 90 minutos e por ter receio do contexto difícil onde a escola se situava. Por outro lado, a segunda intervenção, em contexto de 1.º CEB foi mais tranquila e mais enriquecedora em todos os aspetos.

O contacto com diferentes contextos de intervenção é bastante benéfico para um professor estagiário visto que nunca se sabe o contexto de trabalho que pode encontrar e daí ser importante ter oportunidade de experimentar a maior diversidade de contextos possível. Apesar de alguns constrangimentos sentidos nos períodos de observação e intervenção, sinto que consegui dar o melhor de mim em todos os aspetos para contribuir da melhor forma para a aprendizagem dos alunos.

Em relação ao processo de investigação e à realização do presente estudo empírico, é de referir que foi desafiante a realização, uma vez que durante o período de estágio são pedidos alguns trabalhos em simultâneo como o projeto de intervenção, a elaboração de recursos semanais e as respetivas planificações. O facto de ser trabalhadora-estudante gerou dificuldades na gestão do tempo e tornou a realização do estudo um pouco stressante e angustiante. Para além disto, foi bastante desafiante o facto de não haver muitas investigações sobre este tema, tanto em Portugal como em outros países, o que dificultou a realização da revisão da literatura.

Contudo, apesar de todos os contratempos, todo o procedimento que implicou a realização desta investigação foi uma mais-valia, deixando um sentimento de querer continuar a investigar este assunto, bem como continuar a trabalhar no que diz respeito ao ensino e aprendizagem dos PS no futuro, enquanto docente, quer no 1.º CEB ou no 2.º CEB.

É de referir o facto de ter saído da minha zona de conforto, uma vez que não me sentia confiante para lecionar os conteúdos de PS aos alunos, pois não sabia como o fazer e quais seriam as reações.

Porém, todo o processo desenvolvido com os alunos, bem como toda a investigação efetuada sobre os PS, traduzindo-se num sentimento de grande realização e de superação de receios e inseguranças. Além disso, contribuiu para refletir e conferir ainda mais importância aos PS no quotidiano. Posto isto, o mais importante é sabermos que com algumas manobras podemos salvar a vida de pessoas que estão em emergência e em perigo.

Para concluir, é de salientar que esta etapa é um culminar de todo um processo decorrido ao longo de 5 anos na Escola Superior de Educação de Lisboa, anos de muito esforço, dedicação e aprendizagem. Foram diversos os obstáculos ultrapassados ao longo deste tempo, mas sempre com o apoio de todos os professores, nos bons e nos maus momentos, o que tornou esta aprendizagem bastante enriquecedora e me fez crescer. Toda esta experiência tornou-me uma pessoa mais resiliente e aberta a desafios, ficando com a certeza que o meu percurso em torno da Educação não ficará por aqui, pois acabo com a vontade de querer saber e aprender sempre mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alonso, L., Roldão, M. (2004). Ser professor do 1.o Ciclo: construindo a profissão. Coimbra: Almedina.

Batista, B., Moreira, E. V., Rodrigues, D. & Silva, F. P. (2021). *Técnicas de recolha de dados em investigação: inquirir por questionário e/ou inquirir por entrevista?* In P. Sá, A. P. Costa & A. Moreira (Orgs.) *Reflexões em torno de metolodigas de investigação: recolha de dados*, 2, (pp. 13-36). UA Editora.

Bogdan, R., Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.

Bollig, G., Alvin, H., & Veel, M. (2009). *Primary school children are able to perform basic life-saving first aid measures*, 80, 689–692.

Campbell, S. (2012). *Supporting mandatory first aid training in primary schools*, 27(6), 35–39.

Carmo, H., & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da investigação. Guia para a auto-aprendizagem*. Universidade Aberta.

Connolly, M., Toner, P., Connolly, D., & Mccluskey, D. R. (2007). *The "ABC for life" programme —– Teaching basic life support in schools*, 270–279.

Costa, I. (2017). *A abordagem dos Primeiros Socorros no 1.º Ciclo do Ensino Básico: Diário de uma professora-estagiária*. Relatório para obtenção do grau de Mestre. Escola Superior de Educação de Lisboa (Eselx).

Coutinho, P. C. (2015). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Almedina.

De Buck, E., Remoortel, H. Van, Dieltjens, T., Verstraeten, H., Clarysse, M., Moens, O., & Vandekerckhove, P. (2015). *Evidence-based educational pathway for the integration of first aid training in school curricula*. Resuscitation, 94, 8–22.

Diário da República (s.d.). *Código Penal*. Decreto-Lei n.º 48/95. Artigo 200.º - Omissão de auxílio.

Dixe, M. dos A., & Gomes, J. (2015). *Conhecimento da população portuguesa sobre Suporte Básico de Vida e disponibilidade para realizar formação*. Rev Esc Enferm USP ·, 49(4), 640–649.

Guimarães, S. E. R. (2003). Avaliação do estilo motivacional do professor: adaptação e validação de um instrumento. Tese de Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.

Hsiao, M., Tsai, B., Uk, P., Jo, H., Gomez, M., Gollogly, J. G., & Beveridge, M. (2007). *What do kids know? A survey of 420 Grade 5 students in Cambodia on their knowledge of burn prevention and first-aid treatment*. Burns, 33(3), 347–351.

IFRC. (2009). *First aid for a safer future Focus on Europe*. IFRC Health and Care Department.

INEM, (2011). *Manual de suporte avançado de vida*. 2.ª Edição. Lisboa: Instituto Nacional de Emergência Médica

Jones, I., Whitfield, R., Colquhoun, M., & Chamberlain, D. (2007). *At what age can schoolchildren provide effective chest compressions? An observational study from the Heartstart UK schools training programme*. BMJ, (April), 3–5.

Krüger, L. M. & Ensslin, S. R. (2013). *Método tradicional e método construtivista de ensino no processo de aprendizagem: uma investigação com os acadêmicos da disciplina Contabilidade II do curso de ciências contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina. Revista Organizações em Contexto*, 9(18), 219-270.

Lockey, A. S., & Georgiou, M. (2013). *Children can save lives*. Resuscitation, 84(4), 399–400.

Luria, J. W., Smith, G. A., & Chapman, J. I. (2000). *An Evaluation of a Safety Education Program for Kindergarten and Elementary School Children*. Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine, 154(3), 227.

Maria, L., Andraus, S., Minamisava, R., Borges, I. K., & Barbosa, M. A. (2005). Primeiros Socorros para criança : relato de experiência, 18(2), 220–225.

Ministério da Educação (2004). *Expressão e Educação Físico-Motora*. In Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1.o Ciclo (4.a ed.) (pp. 33-63). Lisboa: Departamento de Educação Básica.

Ministério da Educação (s.d.). *Projetos*. Medidas de promoção do sucesso educativo. Escolas TEIP.

Ministério da Educação. (2013). *Metas Curriculares de Ciências Naturais do Ensino Básico* – 5.º, 6.º, 7.º e 8.º ano. Lisboa: ME/DEB.

Niza, S. (1998). A organização social do trabalho de aprendizagem no 1o CEB, *Inovação*, 11, 77-98.

Niza, S. (2012). Sérgio Niza. Escritos sobre Educação. Lisboa: Movimento da Escola Moderna e Edições tinta-da-china.

Reis, M. P. I. F. C. P. (2008). A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso [Tese de doutoramento em Educação Infantil e Familiar]. Universidade de Málaga.

Rosário, M., & Linhares, E. (2015). *Uma experiência de formação em Primeiros Socorros no 1.º Ciclo do Ensino Básico: que aprendizagens?* La Enseñanza de Las Ciencias: Desafíos E Perspectivas, 375p.-379p.

Saúde, A., Costa, E., Fernandes, J., Esteves, M., Amaral, M., Almeida, P., & André, T. (2015). *Referencial de Educação para o Risco: Educação Pré-Escolar Ensino Básico (1.º, 2.º e 3.º ciclos) Ensino Secundário*. (M. da E. e Ciência, Ed.).

Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

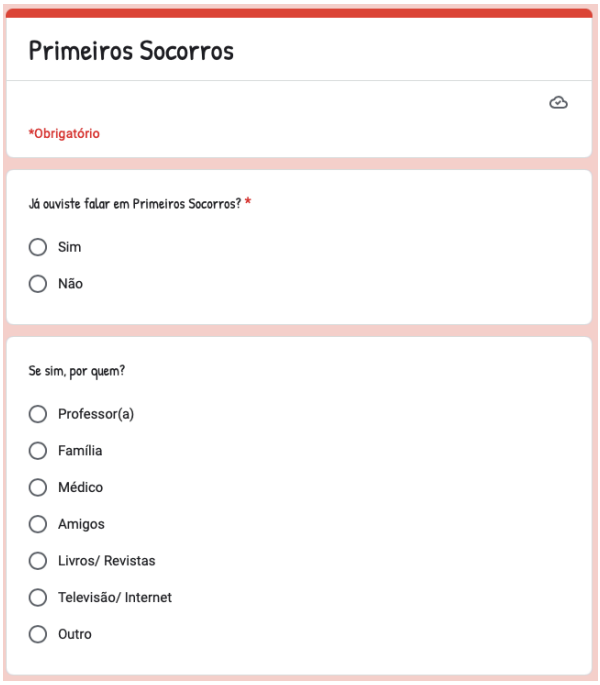
Sousa, M., & Baptista, C. (2014). C*omo fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*. Lisboa: Ed. Pasto

Tomás, C., & Fernandes, N. (2011). *Questões conceptuais, metodológicas e éticas na investigação com crianças em Portugal*. In Social Relations In Turbulent Times (pp. 1–18).

Uray, T., Lunzer, A., Ochsenhofer, A., Thanikkel, L., Zingerle, R., Lillie, P., Brandl, E., Sterz, F. (2003). *Feasibility of life-supporting first.aid (LSFA) training as a mandatory subject in primary schools*. Elsevier. Resuscitation 59, 211-220

ANEXOS

Anexo A. Questionário inicial



Primeiros Socorros

*Obrigatório

Já ouviste falar em Primeiros Socorros? *

- Sim
- Não

Se sim, por quem?

- Professor(a)
- Família
- Médico
- Amigos
- Livros/ Revistas
- Televisão/ Internet
- Outro

O que entendes por "Primeiros Socorros" ? *

A sua resposta

Achas que é importante falar sobre Primeiros Socorros na escola? *

- Sim
- Não

Porquê? *

A sua resposta

Já presenciaste alguma situação em que alguém precisou de ser socorrido? *

- Sim
- Não

Classifica de 1 a 5 o quanto te sentias confortável por ajudar alguém que precisasse ser socorrido. *

- ◯ 1 - Nada confortável
- ◯ 2 - Pouco confortável
- ◯ 3 - Indiferente
- ◯ 4 - Confortável
- ◯ 5 - Muito confortável

Sabes o que é um Kit de Primeiros Socorros? *

- ◯ Sim
- ◯ Não

Existe algum Kit de Primeiros Socorros na tua escola?

- ◯ Sim
- ◯ Não
- ◯ Não sei

Existe algum Kit de Primeiros Socorros na tua escola?

- ◯ Sim
- ◯ Não
- ◯ Não sei

Existe algum Kit de Primeiros Socorros na tua sala de aula?

- ◯ Sim
- ◯ Não
- ◯ Não sei

Existe algum Kit de Primeiros Socorros em tua casa?

- ◯ Sim
- ◯ Não
- ◯ Não sei

O que achas que deve conter um Kit de Primeiros Socorros? *

A sua resposta

O que se deve fazer quando alguém sangra do nariz? *

- ◯ Colocar a cabeça para trás e esperar
- ◯ Assoar até ficar tudo limpo
- ◯ Manter a cabeça direita, alinhada com o corpo, apertando as narinas e aplicar frio no local
- ◯ Não sei

O que se deve fazer quando alguém tem uma ferida pouco profunda? *

- ◯ Lavar a ferida
- ◯ Soprar para a ferida
- ◯ Massajar para aliviar a dor
- ◯ Não sei

O que se deve fazer quando alguém sofre uma queimadura (solar ou com um objeto muito quente)? *

- ◯ Arrefecer a zona queimada com soro
- ◯ Aplicar gelo diretamente na queimadura
- ◯ Massajar a queimadura
- ◯ Não sei

O que se deve fazer quando alguém sofre uma crise epilética? *

- ◯ Segurar a língua para a pessoa não a morder
- ◯ Dar um copo de água com açúcar
- ◯ Criar um ambiente tranquilo e proteger a cabeça da pessoa
- ◯ Não sei

O que se deve fazer quando alguém não consegue respirar bem porque tem as vias respiratórias tapadas por um objeto? *

- ◯ Procurar ajuda
- ◯ Dar 5 pancadas nas costas
- ◯ Abrir a boca e empurrar o objeto estranho para que seja engolido
- ◯ Não sei

Quando chamamos uma ambulância para que contacto telefónico devemos ligar? *

A sua resposta

Enviar Limpar formulário

Anexo B. Planificações das sessões

<table>
<tr><th colspan="4">Aula nº0 – Avaliação inicial</th></tr>
<tr><td colspan="2">Recursos/ Materiais: Questionário no GoogleForms, Ipad's</td><td colspan="1">Organização da aula: Trabalho individual</td><td>Duração: 20 minutos</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Objetivos Específicos</td><td rowspan="2">Descrição da atividade</td><td colspan="2">Avaliação</td></tr>
<tr><td>Instrumentos</td><td>Indicadores</td></tr>
<tr><td>1. Compreender os conhecimentos prévios sobre os Primeiros Socorros.</td><td>A professora pede aos alunos que peguem nos seus Ipad's e que entrem no link disponibilizado no SeeSaw. Em seguida, pede aos alunos que respondam ao questionário com sinceridade e, no fim, enviem as respostas e guardem os Ipad's novamente na mochila.</td><td>Produto dos alunos

Análise de produções</td><td></td></tr>
</table>

Aula nº1 - O que são os primeiros socorros?

Recursos/ Materiais: *Ipad's* individuais dos alunos, acesso à plataforma *NearPod*, *PowerPoint*

Organização da aula: Diálogo em grande grupo e trabalho individual

Duração: 1 hora e 30 minutos

Objetivos Específicos	Descrição da atividade	Avaliação	
		Instrumentos	**Indicadores**
1. Definir o conceito de Primeiros Socorros. 2. Identificar os 4 passos essenciais dos Primeiros Socorros. 3. Identificar o contacto telefónico de emergência. 4. Compreender a importância dos Primeiros Socorros.	A professora pede aos alunos que peguem nos seus *Ipad's* e que entrem na aplicação *NearPod*. Utiliza esta aplicação para mostrar aos alunos o PowerPoint intercalado com atividades que motivem os alunos relativamente ao tema principal. Introduz o tema dos Primeiros Socorros à turma, questionando "O que são os primeiros socorros?" e pedindo aos alunos que escrevam as respostas no quadro branco (aparece na aplicação e todos os alunos têm acesso às respostas uns dos outros). Posteriormente, pede aos alunos que partilhem as suas respostas em grande grupo, proporcionando um pequeno debate de opiniões.	Grelha de observação Produto dos alunos Análise de produções	1.1. Define o conceito de Primeiros Socorros. 2.1. Identifica os 4 passos essenciais dos Primeiros Socorros. 3.1. Identifica o contacto telefónico de emergência. 4.1. Reconhece que os Primeiros Socorros podem ser aplicados por qualquer pessoa. 4.2. Reconhece as principais medidas de segurança.

	Em seguida, questiona os alunos sobre “Quem pode prestar este serviço?”, “Quais são os 4 passos essenciais?” e “De que forma podemos garantir a nossa segurança?”. À medida que vai questionando, os alunos vão respondendo, à vez, em grande grupo. Vão debatendo as opiniões e partilhando experiências, enquanto a professora vai partilhando as sistematizações através do *PowerPoint*. Por fim, a professora partilha na aplicação um jogo de sistematização com perguntas sobre o que foi falado durante a aula.		

Aula nº2 – Queimaduras, hemorragias e feridas			
Recursos/ Materiais: *Ipad’s* dos alunos, acesso à plataforma *NearPod,* PowerPoint, Soro fisiológico, Compressas esterilizadas, Pensos rápidos, Ligaduras			
Organização da aula: Diálogo em grande grupo e trabalho a pares			
Duração: 2 horas			
Objetivos Específicos	**Descrição da atividade**	**Avaliação**	
		Instrumentos	**Indicadores**
1. Definir ferida. 2. Definir hemorragia.	A professora pede aos alunos que peguem nos seus *Ipad’s* e que entrem na aplicação *NearPod*. Utiliza esta aplicação para	Grelha de observação	1.1. Define ferida.

3. Definir queimadura. 4. Realizar manobras de primeiros socorros em situação de feridas. 5. Realizar manobras de primeiros socorros em situação de feridas. 6. Realizar manobras de primeiros socorros em situação de hemorragias.	mostrar aos alunos o PowerPoint intercalado com atividades que motivem os alunos relativamente ao tema principal. Introduz o tema dos Primeiros Socorros à turma, questionando os alunos sobre o que são feridas, pedindo aos alunos que partilhem as suas opiniões, em grande grupo, proporcionando um pequeno debate de opiniões. Explica aos alunos o que são as feridas e como é que estas se dividem (superficiais e profundas). Em seguida, questiona os alunos sobre o que são hemorragias, pedindo aos alunos que partilhem as suas opiniões, em grande grupo, proporcionando um pequeno debate de opiniões. Explica aos alunos o que são as hemorragias e como é que estas se dividem (capilar, venosa, arterial). Posteriormente, questiona os alunos sobre o que são queimaduras, pedindo aos alunos que partilhem as suas opiniões, em grande grupo, proporcionando um pequeno debate de opiniões. Explica aos alunos o que são as queimaduras e como é que estas se dividem (1º grau, 2º grau e 3º grau).	Produto dos alunos Análise de produções	1.2. Distingue ferida profunda de ferida superficial. 2.1. Define hemorragia. 2.2. Distingue os vários tipos de hemorragia (capilar, venosa, arterial). 2.3. Reconhece hemorragia nasal (epistaxis). 3.1. Define queimadura. 3.2. Identifica situações vulneráveis para este acidente. 3.3. Identifica medidas de segurança para evitar este acidente. 3.4. Distingue os três tipos de queimaduras. 3.5. Identifica os fatores que influenciam a gravidade de uma queimadura. 3.6. Sabe atuar uma queimadura de primeiro grau.

	Em seguida, explica aos alunos os cuidados prévios que devemos ter antes de realizar os primeiros socorros no que diz respeito a feridas, hemorragias e queimaduras. Explica aos alunos, em grande grupo: • Como tratar uma ferida superficial; • Como tratar uma ferida profunda. Os alunos realizam uma atividade prática, utilizando os materiais necessários para tratar de uma ferida. Explica aos alunos, em grande grupo: • Como tratar uma hemorragia num membro superior; • Como tratar uma hemorragia num membro inferior. Os alunos realizam uma atividade prática, utilizando os materiais necessários para tratar de uma hemorragia. Explica aos alunos, em grande grupo: • Como tratar uma queimadura de 1º grau; • Como tratar uma queimadura de 2º grau; • Como tratar uma queimadura de 3º grau. Os alunos realizam uma atividade prática, utilizando os materiais necessários para tratar de uma queimadura de 1º e 2º grau. Os alunos realizam os curativos a pares, consoante a professora vai pedindo.		3.7. Sabe atuar uma queimadura de segundo grau. 3.8. Sabe atuar uma queimadura de terceiro grau. 4.1. Respeita os cuidados básicos de higiene e segurança (ferida). 4.2. Respeita os procedimentos para tratar uma ferida. 5.1. Respeita os cuidados básicos de higiene e segurança (hemorragia). 5.2. Respeita os procedimentos para tratar uma hemorragia nos membros superiores. 5.3. Respeita os procedimentos para tratar uma hemorragia nos membros inferiores. 6.1. Respeita os cuidados básicos de higiene e segurança (queimaduras). 6.2. Sabe tratar uma queimadura de primeiro grau.

			6.3. Sabe tratar uma queimadura de segundo grau. 6.4. Efetua os passos necessários perante uma queimadura de terceiro grau.

Aula nº3 - Epilepsia			
Recursos/ Materiais: PowerPoint			
Organização da aula: Diálogo em grande grupo e trabalho a pares			
Duração: 1 hora e 30 minutos			
Objetivos Específicos	**Descrição da atividade**	**Avaliação**	
		Instrumentos	**Indicadores**
1. Compreender a doença – Epilepsia. 2. Saber como intervir em situação de crise epilética.	A professora projeta para os alunos um PowerPoint sobre os Primeiros Socorros, nomeadamente sobre a Epilepsia. Introduz o tema à turma, questionando os alunos sobre o que é a Epilepsia, pedindo que partilhem as suas opiniões, em grande grupo, proporcionando um pequeno debate de opiniões. Em seguida, pergunta ao grupo se alguém já presenciou alguma crise epilética e houve atentamente as respostas dos alunos.	Grelha de observação Produto dos alunos Análise de produções	1.1. Define Epilepsia. 1.2. Indica o principal órgão do corpo humano que ativa as crises. 1.3. Reconhece os principais fatores que

	Consoante as respostas, a professora vai aproveitando para explicar alguns pontos importantes sobre a doença. De forma muito sucinta, explica aos alunos o que é a epilepsia e explica também alguns processos que podem ocorrer no corpo humano e que desencadeiam as crises epiléticas. A professora apresenta as medidas de segurança que devemos ter numa situação de epilepsia e, posteriormente, apresenta as etapas a adotar numa crise, nomeadamente, a PLS (Posição Lateral de Segurança). Em colaboração com a outra professora estagiária, a professora demonstra aos alunos a PLS. Por fim, divide a turma a pares e os alunos efetuam a PLS uns aos outros. Enquanto isso, a professora vai passando pelos pares para corrigir possíveis erros que os alunos possam cometer.		desencadeiam crises epiléticas. 1.4. Reconhece que as crises epiléticas podem também ocorrer em todas as pessoas. 1.5. Identifica os dois tipos de crise epilética. 1.6. Reconhece as medidas de segurança a adotar. 1.7. Reconhece a PLS como a manobra a realizar após uma crise epilética. 1.8. Reconhece a importância da posição dos membros na PLS. 2.1. Efetua a PLS corretamente

Aula nº4 – Kit de Primeiros Socorros

Recursos/ Materiais: *PowerPoint*, Papel EVA vermelho e branco, Cola líquida, Soro fisiológico, Compressas esterilizadas, Pensos rápidos, Ligaduras

Organização da aula: Diálogo em grande grupo e trabalho individual

Duração: 1 hora e 30 minutos

Objetivos Específicos	Descrição da atividade	Avaliação	
		Instrumentos	**Indicadores**
1. Conhecer as funções de um Kit de Primeiros Socorros. 2. Explorar um Kit de Primeiros Socorros. 3. Criar um Kit de Primeiros Socorros.	A professora projeta para os alunos um PowerPoint sobre os Primeiros Socorros, nomeadamente sobre o Kit de Primeiros Socorros. Introduz o tema questionando os alunos sobre o que é um Kit de Primeiros Socorros, pedindo que partilhem as suas opiniões, em grande grupo, proporcionando um pequeno debate de opiniões. Em seguida, pergunta ao grupo se alguém sabe se há algum Kit de Primeiros Socorros na escola e se sim, onde se encontra. Os alunos vão partilhando as suas histórias sobre os Kits que têm em casa. A professora mostra um Kit de Primeiros Socorros aos alunos e, em conjunto, analisam os materiais presentes no Kit. Posteriormente, questiona os alunos "há algum material	Grelha de observação Produto dos alunos	1.1. Conhece as principais funções de um Kit de Primeiros Socorros. 1.2. Compreende o local onde deve ser guardado um Kit de Primeiros Socorros. 1.3. Identifica os cuidados a ter com o Kit de Primeiros Socorros. 2.1. Identifica o local onde se encontra o Kit de Primeiros Socorros.

	que também possa ser essencial num Kit de Primeiros Socorros e que não esteja presente neste Kit?". Por fim, a professora entrega aos alunos 2 folhas de papel EVA, cujo objetivo é estes recortarem pelo desenho que está presente. Após recortarem, os alunos colam e criam o seu próprio Kit de Primeiros Socorros. A professora distribui por cada aluno um mini frasco de soro fisiológico, dois ou três pensos rápidos, compressas esterilizadas e uma ligadura, para que estes construam o seu Kit.		2.2. Indica os materiais presentes no Kit de Primeiros Socorros. 2.3. Identifica a utilidade de alguns materiais presentes no Kit de Primeiros Socorros. 2.4. Compreende que o kit de Primeiros Socorros pode ter mais materiais. 3.1. Cria o próprio Kit de Primeiros Socorros.

Aula nº5 – Avaliação final		
Recursos/ Materiais: Questionário no *GoogleForms*, *Ipad's*	**Organização da aula:** Trabalho individual	**Duração:** 20 minutos

Objetivos Específicos	**Descrição da atividade**	**Avaliação**	
		Instrumentos	**Indicadores**
1. Compreender os conhecimentos apreendidos durante as aulas, sobre os Primeiros Socorros.	A professora pede aos alunos que peguem nos seus *Ipad's* e que entrem no link disponibilizado no *SeeSaw*. Em seguida, pede aos alunos que respondam ao questionário	Produto dos alunos	

	com sinceridade e, no fim, enviem as respostas e guardem os *Ipad's* novamente na mochila.	Análise de produções	

Anexo C. Recurso 1 – *PowerPoint*

1º AULA

O essencial dos Primeiros Socorros

01

O QUE SÃO OS PRIMEIROS SOCORROS ?

Primeiros Socorros

Queimaduras

Epilepsia

Feridas

Os Primeiros Socorros são apenas a **primeira ajuda** a ser dada a uma pessoa ferida, com o objetivo de **aliviar a dor** e **estabilizar**. No entanto, **não servem como tratamento ou como cura**.

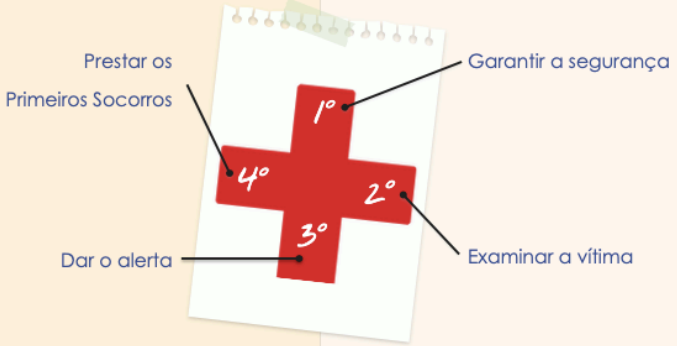
02

Quem pode prestar este auxílio?

03

Como devemos reagir?

Os 4 passos essenciais

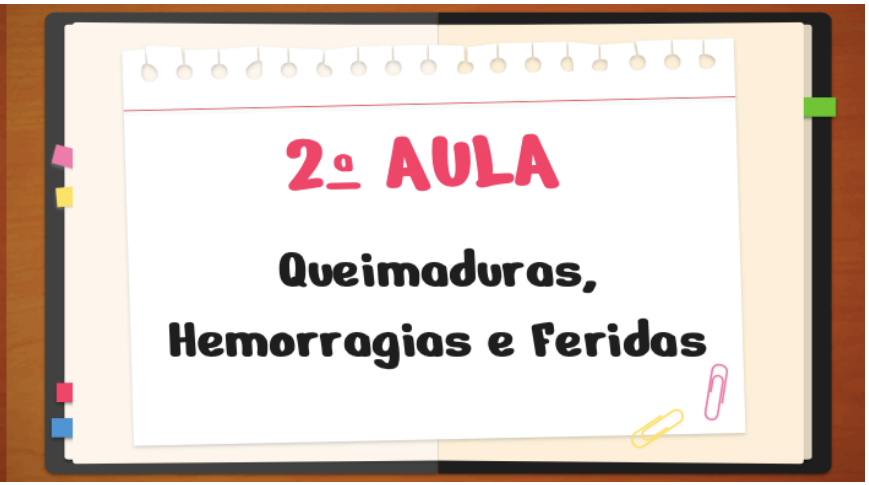


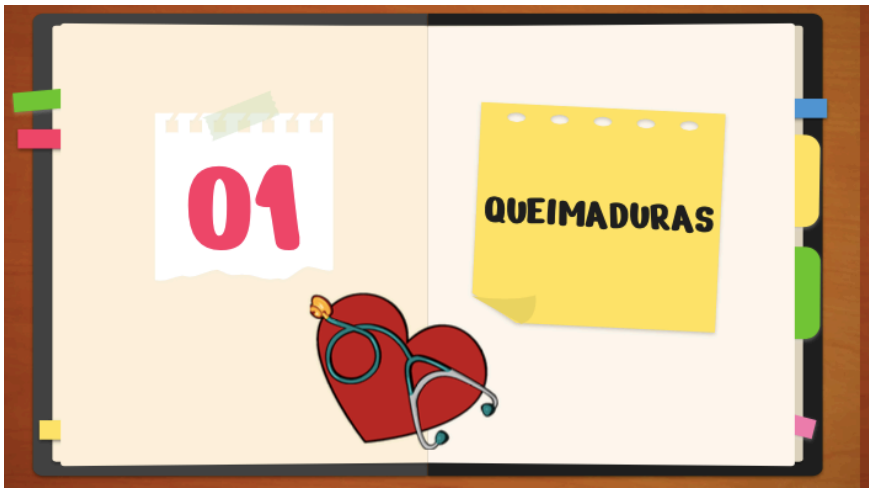
04

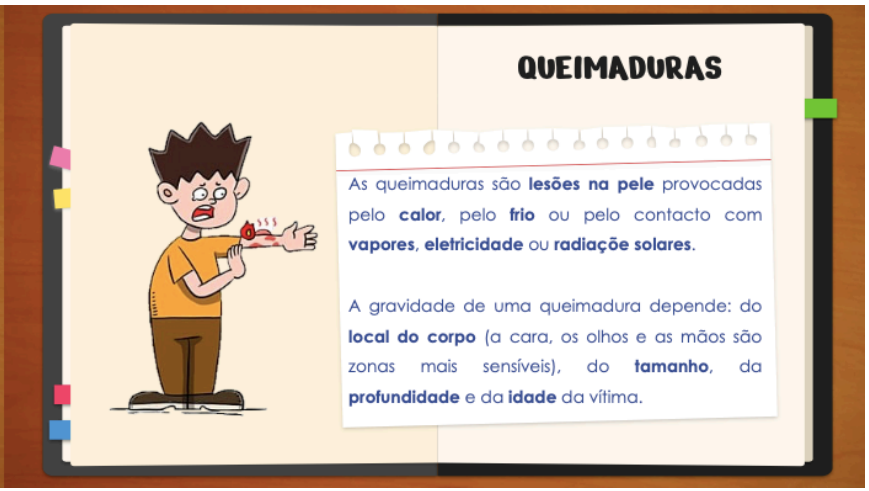
Qual o número que devemos ligar em caso de emergência?

Número Europeu de Emergência

PRIMEIROS
SOCORROS
Vamos aprender !


2ª AULA
Queimaduras,
Hemorragias e Feridas


01
QUEIMADURAS


QUEIMADURAS
As queimaduras são lesões na pele provocadas pelo calor, pelo frio ou pelo contacto com vapores, eletricidade ou radiação solares.
A gravidade de uma queimadura depende: do local do corpo (a cara, os olhos e as mãos são zonas mais sensíveis), do tamanho, da profundidade e da idade da vítima.

Profundidade

Podemos classificar as queimaduras pela profundidade de pele queimada, separando-as em **três graus:**

1º grau	2º grau	3º grau
A pele fica vermelha, quente, com dor/ ardor	A pele fica vermelha, quente, com dor/ ardor e forma bolhas	Destruição de toda a pele, partes de músculos e órgãos.

O que fazer ?

1º Grau

1º. Arrefecer a zona queimada até a dor desaparecer completamente. Para isso podemos utilizar várias técnicas:

a) Colocar sobre a queimadura compressas ou panos limpos (sem pelos) molhadas com soro ou água fria.

b) Colocar a zona queimada debaixo de água fria a correr, durante 10 minutos.

2º. Após a dor desaparecer ou ficar menos intensa, colocar uma pomada própria para queimaduras.

O que fazer ?

2º Grau

Não se deve rebentar as bolhas !

1º. Repetir as etapas das queimaduras de 1º grau.

2º. Encaminhar a vítima para o hospital – caso a dor não passe.

3º Grau

1º. Proteger a queimadura com uma compressa ou pano sem pelos molhado.

2º. Vigiar a vítima.

3º. Enviar rapidamente para o Hospital.

02

HEMORRAGIAS

HEMORRAGIAS

CAPILAR

VENOSA

ARTERIAL

EPISTAXIS

Uma hemorragia é o **rompimento dos vasos sanguíneos**.

As hemorragias podem ser:

- ✓ **Externas** – o sangue sai por uma ferida existente na pele, são sempre visíveis.
- ✓ **Internas** – o sangue sai por um orifício natural do corpo. Estas podem ser visíveis, como a hemorragia nasal (Epistaxis), ou não visíveis.

03

FERIDAS

FERIDAS

São lesões que ocorrem com o rompimento da pele. Pode ser provocado por quedas, agressões …

As feridas podem ser:

- ✓ **Superficiais** – golpe na pele com pouco sangue, não necessita de tratamento medico.
- ✓ **Profundas** – golpe que ultrapassa a epiderme com algum/muito sangue, em que é necessário tratamento medico.

04

O que fazer?

CUIDADOS PRÉVIOS

- ✓ **Lavar as mãos** e unhas, com água e sabão antes e depois de ter contacto com a vítima.
- ✓ **Utilizar luvas** para tocar na vítima e deitá-las fora depois do seu uso.
- ✓ **Acalmar a vítima** e tentar perceber o que aconteceu.
- ✓ **Expor o local da ferida** para se poder observar cuidadosamente (tirar a roupa, descoser ou até mesmo cortar na zona da ferida).
- ✓ **Retirar acessórios** sempre que necessário, como pulseiras, fios, relógios, entre outros.

Como tratar uma hemorragia ?

1º. Fazer uma **lavagem superficial** com **soro fisiológico** para ver o tamanho da ferida.

2º. Elevar o membro para tentar reduzir a hemorragia.

Membro inferior

Membro superior

Como tratar uma hemorragia ?

3º. Fazer pressão com uma compressa esterilizada.

4º. Colocar outra compressa por cima e fazer pressão.

5º. Se tiver muito sangue, ir **trocando a segunda compressa** por outra limpa

6º. Prender com uma ligadura firme.

7º. Ir para o hospital.

Como tratar uma hemorragia nasal ?

1º. Colocar a **cabeça direita no alinhamento do corpo**.

2º. Comprimir com os **dedos em forma de pinça**, as extremidades das narinas durante 10 minutos.

3º. Aplicar gelo junto ao nariz sem tocar diretamente na pele.

Se a hemorragia não parar, colocar um pouco de gaze dentro das narinas.

✓

✗

Como tratar uma ferida?

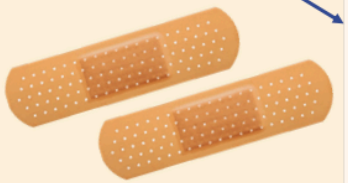
1º. Lavar a pele à volta da ferida com soro fisiológico usando uma compressa esterilizada.

2º. Lavar a ferida com soro fisiológico usando uma compressa esterilizada.

3º. Secar a ferida com uma compressa esterilizada com pequenos toques.

Como tratar uma ferida?

4º. Desinfetar a ferida, utilizando uma compressa esterilizada com um antisséptico (por exemplo, betadine).



5º. Colocar um penso rápido (se a ferida for pequena) ou um penso improvisado, usando compressas esterilizadas, fixando-as com adesivo ou ligaduras.

3ª AULA

EPILEPSIA

EPILEPSIA

A **epilepsia** é uma alteração do funcionamento do cérebro a que chamamos de **crise**.

Isto acontece porque o **cérebro não trabalha como o que é suposto**: envia mensagens confusas ao resto do corpo e dura, normalmente, **um ou dois minutos**.

Falta de Oxigénio

Choque elétrico

Qualquer pessoa pode sofrer uma crise epilética (por várias razões)

Baixo teor de açúcar

Traumatismo craniano

Consumo de drogas

TIPOS DE CRISE

Crise epilética

Pequeno mal

Crise de **ausência**

- Olhar vago;
- Desorientação

O que fazer ?

Promover um ambiente calmo até a vítima voltar ao seu estado "normal".

TIPOS DE CRISE

Crise epilética

Grande mal

Crise **tónico-clónica**

Fase **tónica**

Contração dos músculos

Fase **clónica**

Convulsões

O que fazer ?

- Manter a calma;
- Proteger a cabeça da vítima;
- Desapertar roupas a nível do tronco, caso necessário;
- Desviar objetos que passam magoar a vítima.

Quando as crises terminam, a vítima fica exausta, principalmente depois de uma crise tónico-clónica (contração dos músculos ou convulsões).

Quando isto acontece, devemos colocar a vítima na **Posição Lateral de Segurança**.

POSIÇÃO LATERAL DE SEGURANÇA (PLS)

COMO FAZER?

1. **Ajoelhar** ao lado da vítima.
2. **Colocar** o braço do teu lado em forma de ângulo reto, com a palma da mão virada para cima.

POSIÇÃO LATERAL DE SEGURANÇA (PLS)

COMO FAZER?

3. Segurar o outro braço.

4. Dobrar o braço e **colocá-lo** atravessado sobre o tórax.

5. Segurar as costas da mão contra a bochecha.

6. Manter a mão nesse lugar.

POSIÇÃO LATERAL DE SEGURANÇA (PLS)

COMO FAZER?

7. Com a outra mão, **segurar** o joelho do lado oposto ao teu e levantar a perna , sem nunca tirar o pé do chão.

8. Puxar a perna levantada na tua direção, sem tirar a mão da bochecha.

POSIÇÃO LATERAL DE SEGURANÇA (PLS)

COMO FAZER?

9. Puxar a perna que está dobrada para fazer um ângulo reto.

10. Ajustar a mão sob a bochecha, para manter a cabeça inclinada (evitando que a vítima se engasgue)

Por fim, devemos levar a vítima para o **hospital** ou **ligar o 112**.

Vamos treinar a **Posição Lateral de Segurança!**

4º AULA

KIT DE PRIMEIROS SOCORROS

Kit de emergência/ Kit de Primeiros Socorros

O **Kit de emergência** é um conjunto de materiais que ajudam a prestar Primeiros Socorros.

A maioria dos Kit's são constituídos por: tesouras, ligaduras, luvas descartáveis, adesivos, soro fisiológico, compressas esterilizadas, entre outros.

Kit de emergência/ Kit de Primeiros Socorros

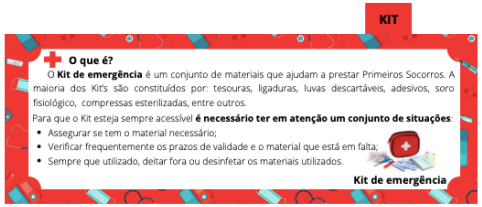
Para que o Kit esteja sempre acessível é necessário ter em atenção um conjunto de situações:

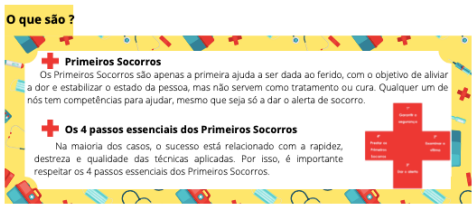
- Assegurar se tem o material necessário;
- Verificar frequentemente os prazos de validade e o material que está em falta;
- Sempre que utilizado, deitar fora ou desinfetar os materiais utilizados.

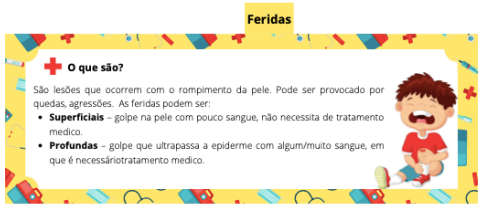
Vamos fazer o nosso próprio **Kit de Primeiros Socorros!**

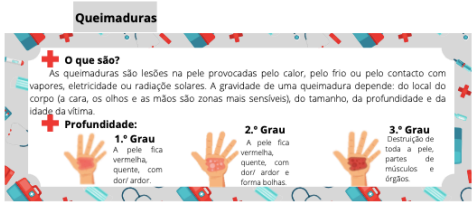
PRIMEIROS
SOCORROS
Vamos aprender !

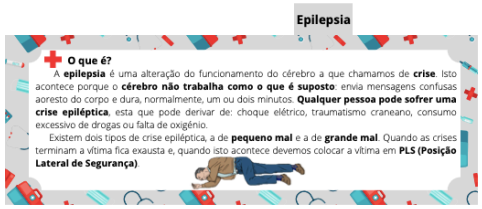
Anexo D. Recurso 2 - Livro de Primeiros Socorros







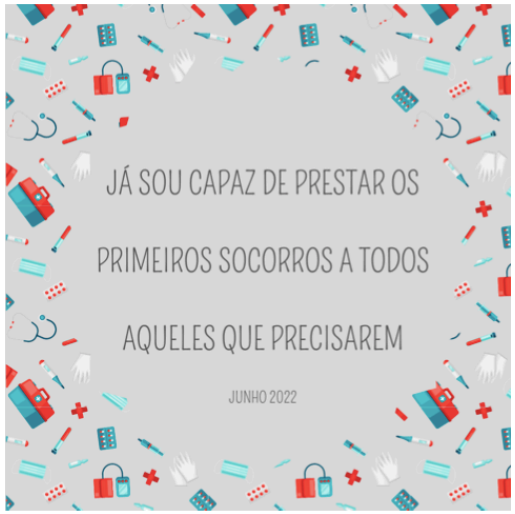




KIT
Epilepsia
Feridas
Hemorragias
Queimaduras
O que são ?
PRIMEIROS SOCORROS

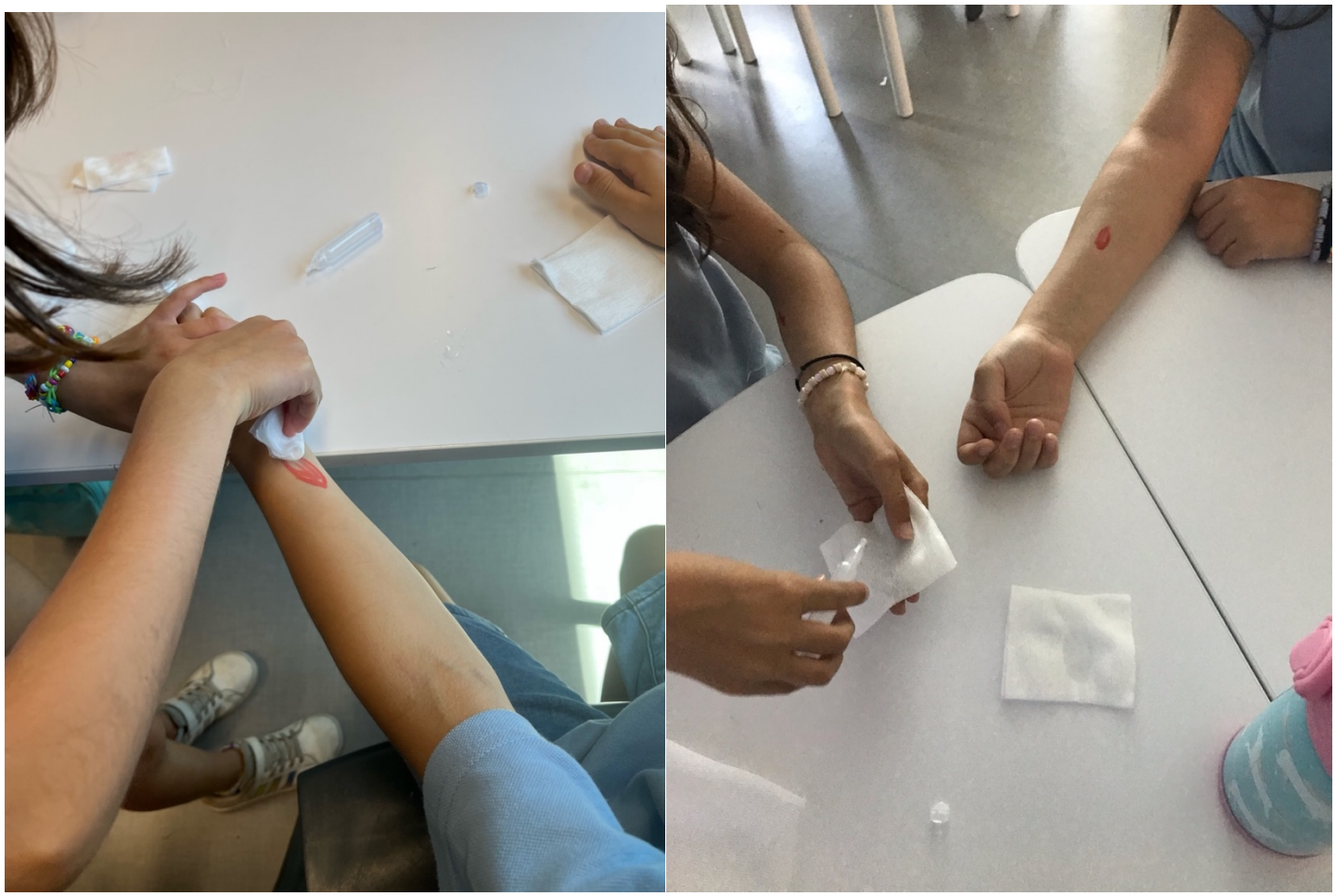
KIT
Epilepsia
Feridas
Hemorragias
Queimaduras
O que são ?
PRIMEIROS SOCORROS

Anexo E. Recurso 3 - Cartão de Socorrista

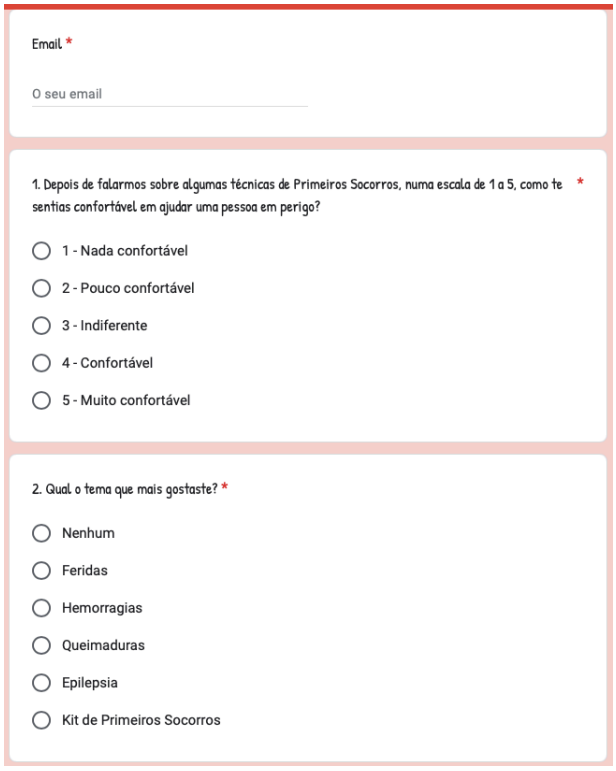


Anexo F. Recurso 4 – Mini Kit individual de Primeiros Socorros

Anexo G. Evidências das sessões práticas



Anexo H. Questionário final



Email *

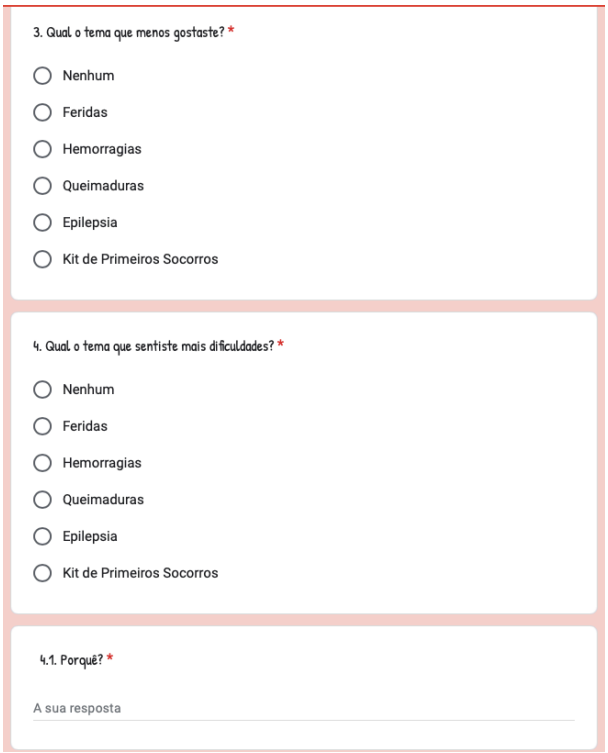
O seu email

1. Depois de falarmos sobre algumas técnicas de Primeiros Socorros, numa escala de 1 a 5, como te sentias confortável em ajudar uma pessoa em perigo? *

- 1 - Nada confortável
- 2 - Pouco confortável
- 3 - Indiferente
- 4 - Confortável
- 5 - Muito confortável

2. Qual o tema que mais gostaste? *

- Nenhum
- Feridas
- Hemorragias
- Queimaduras
- Epilepsia
- Kit de Primeiros Socorros



3. Qual o tema que menos gostaste? *

- Nenhum
- Feridas
- Hemorragias
- Queimaduras
- Epilepsia
- Kit de Primeiros Socorros

4. Qual o tema que sentiste mais dificuldades? *

- Nenhum
- Feridas
- Hemorragias
- Queimaduras
- Epilepsia
- Kit de Primeiros Socorros

4.1. Porquê? *

A sua resposta

5. Depois de aprenderes algumas estratégias de Primeiros Socorros, achas importante aprender estas estratégias na escola? *

- ◯ Sim
- ◯ Não

5.1. Porquê? *

A sua resposta

Seguinte Limpar formulário

Primeiros Socorros

Avaliação Final - Parte II

1. O que são os Primeiros Socorros? *

A sua resposta

2. Quantos são os passos essenciais dos Primeiros Socorros? *

A sua resposta

3. Qual é o número europeu de emergência? *

A sua resposta

4. Em caso de uma ferida superficial, o que devemos fazer em 1º lugar? *

- ◯ Soprar para a ferida
- ◯ Lavar a ferida com soro ou água
- ◯ Desinfetar a ferida com água oxigenada
- ◯ Não sei

5. Em caso de hemorragia nasal, o que devemos fazer em primeiro lugar? *

- ◯ Colocar a cabeça direita e alinhada com o corpo
- ◯ Inclinar a cabeça para trás e esperar que a hemorragia pare
- ◯ Assoar o nariz até ficar tudo limpo
- ◯ Não sei

6. Podemos classificar as queimaduras em quantos graus? *

A sua resposta

7. Em caso de queimaduras de 1º ou 2º grau, o que devemos fazer em primeiro lugar? *

- ◯ Massajar a queimadura
- ◯ Arrefecer a zona queimada com água fria
- ◯ Rebentar as bolhas e depois aplicar gelo
- ◯ Não sei

8. Durante uma crise epiléptica, o que devemos fazer em primeiro lugar? *

- ◯ Tentar sentar a vítima numa cadeira
- ◯ Dar um copo de água com açúcar
- ◯ Proteger a vítima e criar um ambiente tranquilo
- ◯ Não sei

9. Qual a tua opinião sobre as aulas de Primeiros Socorros? *

A sua resposta

Anterior Enviar Limpar formulário

Anexo I. Grelhas de avaliação diagnóstica

Resultados do questionário final - Avaliação Inicial					
Secção	Pergunta	Respostas	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)	Total de respostas
	1. Já ouviste falar em Primeiros Socorros?	Sim	23	92%	
		Não	2	8%	
	2. Se sim, por quem?	Professor	4	16%	
		Família	12	48%	
		Médico	1	4%	
		Amigos	1	4%	
		Livros/ Revistas	2	8%	
		Televisão/ Internet	3	12%	
		Outro	2	8%	
	3. O que entendes por Primeiros Socorros?	Não sei	6	24%	
		Conjunto de formas de socorrer uma pessoa em diferentes casos de emergência	3	12%	
		Uma mala com remédios	8	32%	
		Quando alguém precisa de socorro	7	28%	
		É o 112	1	4%	
	4. Achas que é importante falar sobre Primeiros Socorros na escola?	Sim	22	88%	
		Não	3	12%	

1	4.1. Porquê?	Porque podemos aprender a ajudar alguém de forma correta	7	28%	25
		Porque se acontecer alguma coisa já estamos preparados	5	20%	
		Porque podemos aprender coisas para o nosso futuro	6	24%	
		Porque podemos aprender a curar-nos a nós próprios	5	20%	
		Não sei	2	8%	
	5. Já presenciaste alguma situação em que alguém precisou de ser socorrido?	Sim	16	64%	
		Não	9	36%	
	6. Classifica de 1 a 5 o quanto te sentes confortável por ajudar alguém que precisasse ser socorrido.	1 - Nada confortável	2	8%	
		2 - Pouco confortável	2	8%	
		3 - Indiferente	7	28%	
		4 - Confortável	12	48%	
		5 - Muito confortável	2	8%	
	7. Sabes o que é um Kit de Primeiros Socorros?	Sim	24	96%	
		Não	1	4%	
	8. Existe algum Kit de Primeiros Socorros na tua escola?	Sim	16	64%	
		Não	0	0%	
		Não sei	9	36%	
	9. Existe algum Kit de Primeiros Socorros na tua sala de aula?	Sim	1	4%	
		Não	17	68%	
		Não sei	7	28%	

10. Existe algum Kit de Primeiros Socorros em tua casa?	Sim	11	44%
	Não	6	24%
	Não sei	8	32%
11. O que achas que deve conter um Kit de Primeiros Socorros?	Máquina de choques	1	4%
	Medicamentos, ligaduras, pomadas, caneta de alergias, álcool, pensos	20	80%
	Lanterna, água, sacos, desinfetante, termómetro	1	4%
	Não sei	3	12%
12. O que se deve fazer quando alguém sangra do nariz?	Colocar a cabeça para trás e esperar	13	52%
	Assoar até ficar tudo limpo	3	12%
	Manter a cabeça direita, alinhada com o corpo, apertando as narinas e aplicar frio no local	8	32%
	Não sei	1	4%
13. O que se deve fazer quando alguém tem uma ferida pouco profunda?	Lavar a ferida	20	80%
	Soprar para a ferida	4	16%
	Massajar para aliviar a dor	0	0%
	Não sei	1	4%
14. O que se deve fazer quando alguém sofre uma queimadura (solar ou com um objeto muito quente)?	Arrefecer a zona queimada com água fria	5	20%
	Rebentar as bolhas e aplicar gelo	15	60%
	Massajar a queimadura	3	12%
	Não sei	2	8%

	15. O que se deve fazer quando alguém sofre uma crise epilética?	Segurar a língua para a pessoa não a morder	5	20%
		Dar um copo de água com açúcar	2	8%
		Criar um ambiente tranquilo e proteger a cabeça da vítima	11	44%
		Não sei	7	28%
	16. Quando chamamos uma ambulância para que contacto telefónico devemos ligar?	112	21	84%
		911	1	4%
		111	1	4%
		Não sei	2	8%

Anexo J. Grelhas de avaliação formativa

B	3	Sabe
S	2	Sabe com dificuldade
I	1	Não sabe
	NO	Não observado

Aula nº 1 - O que são os Primeiros Socorros																											
Conhecimento	Instrumento	Indicadores	Alek	As	A. R.	A. F.	Car	Di	Do	Edu	Fra	Gus	Jo	Kris	Leo	Lu	Luc	Md	M.C	M.Pi	Mar	Mat	Sal	As	To	Vale	Vi
Teórico	Teórico e observação	1.1. Define o conceito de PS	2	2	2	3	2	3	3	2	2	2	1	2	2	2	3	2	3	2	2	3	3	3	2	2	2
		2.1. Identifica os 4 passos essenciais dos PS	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3
		3.1. Identifica o contacto telefónico de emergência	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
		4.1. Reconhece que os PS podem ser aplicados por qualquer pessoa	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
		4.2. Reconhece as principais medidas de segurança	2	2	2	3	2	3	3	2	2	2	1	2	2	2	3	2	3	2	2	3	3	3	2	2	2
MÉDIA			3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3
AVALIAÇÃO			B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	S	S	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	S	B	B

Aula nº 2 - Queimaduras, feridas e hemorragias																											
Conhecimento	Instrumento	Indicadores	Alek	As	A. R.	A. F.	Car	Di	Do	Edu	Fra	Gus	Jo	Kris	Leo	Lu	Luc	Md	M.C	M.Pi	Mar	Mat	Sal	As	To	Vale	Vi
Teórico	Observação	1.1. Define ferida	2	3	3	2	2	3	3	2	2	3	2	2	3	3	3	2	3	3	2	3	3	3	2	3	3
		1.2. Distingue ferida profunda de ferida superficial	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
		2.1. Define hemorragia	2	2	3	2	3	3	3	2	2	3	2	2	3	3	3	2	3	2	3	3	2	3	2	2	3
		2.2. Distingue os várias tipos de hemorragia (capilar, venosa, arterial)	3	2	2	2	3	2	3	2	2	3	2	2	2	2	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2	2
		2.3. Reconhece hemorragia nasal/ epistaxis	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
		3.1. Define queimadura	2	3	3	2	2	3	3	2	2	3	2	2	3	3	3	2	3	3	2	3	3	3	2	3	3
		3.2. Identifica situações vulneráveis para este acidente	2	2	3	2	3	3	3	2	2	3	2	2	3	3	3	2	3	2	3	3	2	3	2	2	3
		3.3. Identifica medidas de segurança para evitar este acidente	3	2	2	3	2	3	3	2	3	2	3	3	3	2	2	3	2	2	3	3	3	2	3	2	2
		3.4. Distingue os três tipos de queimaduras	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3	3	3	3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3
		3.5. Identifica os fatores que influenciam a gravidade de uma queimadura	2	3	3	3	3	3	3	2	3	3	3	3	2	3	2	3	3	3	3	3	3	2	2	3	3
		3.6. Sabe atuar numa queimadura de primeiro grau	3	2	3	3	3	3	2	3	3	3	3	2	3	3	3	3	2	3	3	3	3	2	2	3	3
		3.7. Sabe atuar numa queimadura de segundo grau	2	2	3	3	3	2	2	3	3	3	2	2	3	3	3	2	2	3	3	3	2	2	2	3	3

		3.8. Sabe atuar perante numa queimadura de terceiro grau	3	2	2	3	3	3	2	2	3	3	3	2	2	3	3	3	2	2	3	3	3	2	2	3	3
		4.1. Respeita os cuidados básicos de higiene e segurança (ferida)	2	3	2	2	3	2	3	2	2	3	2	3	2	2	3	2	3	2	2	3	2	3	2	2	3
Procedimental	Prática	4.2. Respeita os procedimentos para tratar uma ferida	2	3	3	2	3	2	3	3	2	3	2	3	3	2	3	2	3	3	2	3	2	3	2	2	3
		5.1. Respeita os cuidados básicos de higiene e segurança (hemorragia)	3	2	3	3	3	3	2	3	3	3	3	2	3	3	3	3	2	3	3	3	3	2	2	3	3
		5.2. Respeita os procedimentos para tratar uma hemorragia nos membros superiores	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
		5.3. Respeita os procedimentos para tratar uma hemorragia nos membros inferiores	2	3	3	3	3	2	3	3	3	3	2	3	3	3	3	2	3	3	3	3	2	3	3	3	3
		6.1. Respeita os cuidados básicos de higiene e segurança (queimaduras)	2	3	2	2	3	2	3	2	2	3	2	3	2	2	3	2	3	2	2	3	2	3	2	2	3
		6.2. Sabe tratar uma queimadura de primeiro grau	2	2	3	3	3	2	2	3	3	3	2	2	3	3	3	2	2	3	3	3	2	2	2	3	3
		6.3. Sabe tratar uma queimadura de segundo grau	2	2	3	3	3	2	2	3	3	3	2	2	3	3	3	2	2	3	3	3	2	2	2	3	3
		6.4. Efetua os passos necessários perante uma queimadura de terceiro grau	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
MÉDIA			2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3
AVALIAÇÃO			S	B	B	B	B	B	B	B	B	B	S	S	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	S	B	B

Aula nº 3 - Epilepsia																											
Conhecimento	Instrumento	Indicadores	Alek	As	A. R.	A. F.	Car	Di	Do	Edu	Fra	Gus	Jo	Kris	Leo	Lu	Luc	Md	M.C	M.Pi	Mar	Mat	Sal	As	To	Vale	Vi
Teórico	Teórico e observação	1.1 Define Epilepsia	2	2	2	2	2	2	3	2	2	3	NO	2	2	2	3	2	3	2	2	3	2	2	2	2	NO
		1.2. Indica o principal órgão do corpo humano que ativa as crises	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	NO	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	NO
		1.3. Reconhece os principais fatores que desencadeiam crises epiléticas	2	2	2	2	3	3	3	2	3	3	NO	2	2	3	3	2	3	3	2	3	3	3	2	2	NO
		1.4. Reconhece que as crises epiléticas podem também ocorrer em todas as pessoas	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	NO	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	NO
		1.5. Identifica os dois tipos de crise epilética	2	2	3	3	2	3	3	2	3	3	NO	2	2	3	3	2	3	2	3	3	3	3	2	3	NO
		1.6. Reconhece as medidas de segurança a adotar	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	NO	2	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	NO
		1.7. Reconhece a PLS como a manobra a realizar após uma crise epilética	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	NO	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	NO
		1.8. Reconhece a importância da posição dos membros na PLS	2	2	3	3	2	3	3	3	3	3	NO	2	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	NO
Procedimental	Observação	2.1. Efetua a PLS corretamente	3	2	3	3	3	3	3	2	3	3	NO	3	2	2	3	3	3	3	3	3	2	3	1	3	NO
MÉDIA			3	2	3	3	3	3	3	3	3	3	NO	2	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	NO
AVALIAÇÃO			B	S	B	B	B	B	B	B	B	B	NO	S	S	B	B	B	B	B	B	B	B	B	S	B	NO

Aula nº 4 - Kit de primeiros Socorros																												
Conhecimento	Instrumento	Indicadores	Alek	As	A. R.	A. F.	Car	Di	Do	Edu	Fra	Gus	Jo	Kris	Leo	Lu	Luc	Md	M.C	M.Pi	Mar	Mat	Sal	As	To	Vale	Vi
Teórico	Teórico e observação	1.1. Conhece as principais funções de um Kit de Primeiros Socorros.	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3	3	2	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3
		1.2. Compreende o local onde deve ser guardado um Kit de Primeiros Socorros.	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
		1.3. Identifica os cuidados a ter com o Kit de Primeiros Socorros.	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
		2.1. Identifica o local onde se encontra o Kit de Primeiros Socorros.	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3	3	2	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3
		2.2. Indica os materiais presentes no Kit de Primeiros Socorros.	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
		2.3. Identifica a utilidade de alguns materiais presentes no Kit de Primeiros Socorros.	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
		2.4. Compreende que o kit de Primeiros Socorros pode ter mais materiais.	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Procedimental	Prática	3.1. Cria o próprio Kit de Primeiros Socorros.	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3	3	2	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3
MÉDIA			3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
AVALIAÇÃO			B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B

Anexo K. Grelhas de avaliação sumativa

Resultados do questionário final - Avaliação Final					
Secção	Pergunta	Respostas	Frequência absoluta	Frequência relativa	Total de respostas
1	1. Depois de falarmos sobre algumas técnicas de Primeiros Socorros, serias capaz de ajudar uma pessoa em perigo?	1 - Nada confortável	0	0%	24
		2 - Pouco confortável	3	13%	
		3 - Indiferente	4	17%	
		4 - Confortável	12	50%	
		5 - Muito confortável	5	21%	
	2. Qual o tema que mais gostaste?	Nenhum	1	4%	
		Feridas	1	4%	
		Hemorragias	1	4%	
		Queimaduras	2	8%	
		Epilepsia	6	25%	
		Kit de PS	14	58%	
	3. Qual o tema que menos gostaste?	Nenhum	14	58%	
		Feridas	6	25%	
		Hemorragias	2	8%	
		Queimaduras	1	4%	
		Epilepsia	1	4%	
		Kit de PS	0	0%	
	4. Qual o tema que sentiste mais dificuldades?	Nenhum	12	50%	
		Feridas	0	0%	
		Hemorragias	3	13%	
		Queimaduras	2	8%	
		Epilepsia	6	25%	
		Kit de PS	1	4%	

	4.1. Porquê?	Porque é muito divertido	6	25%
		Porque não senti dificuldades em nenhum conteúdo	6	25%
		Porque senti dificuldades em fazer a PLS	6	25%
		Porque são muitos passos e não me lembro de todos	3	13%
		Porque é o mais complicado	3	13%
	5.1. Depois de falarmos sobre algumas técnicas de Primeiros Socorros, achas importante aprender estas estratégias na escola?	Sim	24	100%
		Não	0	0%
	5.1. Porquê?	Porque aprendemos coisas essenciais para ajudar os outros	22	92%
		Porque mais vale aprender na escola do que não aprender	2	8%
	1. O que são os Primeiros Socorros?	São a primeira ajuda dada a uma pessoa que está em perigo	23	96%
		É um kit de medicamentos	1	4%
		Não sei	0	0%
	2. Quantos são os passos essenciais dos Primeiros Socorros?	6	1	4%
		4	18	75%
		3	1	4%
		5	1	4%
		Não sei	3	13%

2	3. Qual é o número Europeu de emergência?	112	24	100%	24
		Não sei	0	0%	
	4. Em caso de uma ferida superficial, o que devemos fazer em 1º lugar?	Soprar para a ferida	0	0%	
		Lavar a ferida com soro ou com água	19	79%	
		Desinfetar a ferida com água oxigenada	5	21%	
		Não sei	0	0%	
	5. Em caso de uma hemorragia nasal, o que devemos fazer em 1º lugar?	Colocar a cabeça direita e alinhada com o corpo	18	75%	
		Inclinar a cabeça para trás e esperar que a hemorragia pare	1	4%	
		Assoar o nariz até ficar tudo limpo	1	4%	
		Não sei	4	17%	
	6. Podemos classificar as queimaduras em quantos graus?	3	24	100%	
	7. Em caso de queimaduras de 1º ou 2º grau, o que devemos fazer em 1º lugar?	Massajar a queimadura	0	0%	
		Arrefecer a zona queimada com água fria	24	100%	
		Rebentar as bolhas e aplicar gelo	0	0%	
		Não sei	0	0%	
	8. Durante uma crise epilética, o que devemos fazer em 1º lugar?	Tentar sentar a vítima numa cadeira	0	0%	
		Dar um copo de água com açúcar	0	0%	
		Proteger a vítima e criar um ambiente tranquilo	24	100%	
		Não sei	0	0%	

	9. Qual é a tua opinião sobre as aulas de Primeiros Socorros?	São muito importantes porque podemos ajudar os outros com coisas pequenas	13	54%	
		São muito giras porque aprendemos de forma divertida	4	17%	
		Devia ser obrigatório nas escolas porque é muito importante e todos deviam saber	7	29%	